ANNO XXVIII — N.º 8
Rio, 25 de Fevereiro de 1933
— PREÇO: 1$000 —
FON
FON

O conto brasileiro

O FILHO DO CARÊTA

(Pagina de Carnaval) — De GILBERTO VEIGA

EU entrei no *bal masqué* convencido de que ia me divertir. O club estava lindo. Ornamentação a caracter. Os salões, pejados de luzes, de serpentinas entrecruzando-se em abraços multicôres, de *confettis* espalhados por todos os cantos como chuva colorida e original, davam a idéa de salas encantadas vistas através das espiraes de longos cigarros opiados... No turbilhão da dança, animada por *jazzes* malucos, os pares rodavam em sacolejos freneticos. Que esquisitice de raças, que graciosa promiscuidade, que harmonia disparatada!

Dir-se-ia que todo o convencionalismo social, todas as regras da etiqueta e do bom tom foram, repentinamente, esmagadas por uma avalanche de liberalismo unico. Tudo igualdade, tudo cordialidade. Ciganas sensuaes. Apaches de olhares atrevidos, bahianinhas em requebros dengosos, turcas de turbantes prateados e olhos profundos, dançarinas vaporosas em saracoteios quasi lubricos, Colombinas mentirosas e frivolas como todas as Colombinas, Pierrots desencantados, Arlequins com ardencias nos olhos e quentura nos labios, duques de cabelleiras empoadas, de punhos de rendas e phrases gentis, malandros audazes nos gestos, no atrevimento, diabos chifrudos, com longos rabos e malicia na voz, todo um mundo differente se cruzava num vae-e-vem continuo, num álacre revôo de borboletas em festa. Muito decote a exhibir lindos collos perfumados. Muita perna torneada, desnuda e provocante. As máscaras de velludo ou sêda, negras, rubras, amarellas, occultavam quasi todas as faces, fazendo ainda mais realçar o marfim dos dentes e o *baton* dos labios e ainda mais augmentar a suggestibilidade da belleza, dando um cunho novo, de sensação nova, ao velho mysterio da vida... Estavamos sob a bandeira irrequieta e bulhenta de Mômo. E o Rei, vivendo a sua loucura em cada peito, espalhava o odor do ether pelos cerebros, entorpecendo-os, tornando-os confusos... Cupido tambem lá estava, chispando olhares traiçoeiros pelo scenario pagão onde o *champagne* espocava de minuto a minuto.

No meio daquella algazarra louca, eu, só, ao envez de distrahir-me como seria justo, procurava analysar a fundo a alma humana. Via, nas banhas de respeitavel matrona, a respeitabilidade da vida real. Numa calva reluzente, a austeridade de um banqueiro ás voltas com os algarismos. No brilho de um collar de pedras falsas a falsidade da alma feminina. Nas bôccas abertas em gargalhadas lascivas, luxuriosas, a mentira da alegria, o fingimento... Calculava o desespêro que cada contracção facial procurava abafar naquelle meio onde a ventura real não entra com mêdo, fugindo á bacchanal em honra de Momo. Eu era, naquella sala vermelha, naquelle ambiente de pandemonio, um contraste chocante. Afivelada ao rosto, a minha máscara de todos os dias. Cobria-me o corpo a mesma roupa costumeira. Tendo me afastado um pouco, quedei-me junto a uma columna berrantemente illuminada, a remoer os pensamentos. Subito, uma gargalhada nervosa, estridente como o toque de um clarim, feriu-me o tympano auditivo. Volvi-me. Achava-me em frente de um Pierrot monumental, resplandecente. Todo de ne-

«Mephistópheles». Setim negro. Calças e gravata de sêda vermelha. «Manteau» vermelho. «Fausto». Sêda negra. Calças curtas, «bouffanttes», abertas, em duas côres. Gola ornada de pélle.

(Cont. na pag. seguinte)

ELLA...

CABOCLO trabalhára a vida inteira com a mulher no sitio de sua propriedade.

Certo dia, devido a um bródio morrêra-lhe a companheira. E perdêra o gosto de trabalhar no sitio.

Trabalhar mais para que ? !

Tudo fazia por augmentar os haveres afim de deixar á esposa o futuro garantido. Agora, porém, já não tinha esse ideal de, nos ultimos momentos, estar tranquillo pela certeza de a deixar amparada.

Trabalhar mais para que ? !

E vendêra o sitio e arrecadára todo o dinheiro que tinha espalhado em mãos de diversos e botára-o a render no Banco do Brazil, por ser mais seguro, e fôra perambular na capital do Estado nordestino.

Certa vez, Caboclo topára pequena bonita como quê, a saracotear-se. Era um pedaço... Ficára *bêsta* pela bellezinha e partira como frecha, acompanhando-a. Parava a senhorita em frente a um mostruario; parava tambem Caboclo, mas *ca' dê* coragem, como dizia elle, para lhe chorar ao pé do ouvido !...

E ella, novo sol a irradiar varios tons de belleza, de graça, proseguia o seu curso, sem nada perceber; e elle, novo satélite, gyrava, sem dar uma palavra siquer.

Depois, fôra a senhorita fazer uma visita. Caboclo ficára parado, guardando distancia, esperando que apparecesse a uma das aberturas defronte da casa, por julgar ser ali a residencia della.

Dahi a duas horas, no meio de algumas pessoas surgira á porta da rua, despedira-se de todos e partira.

Comprehendêra então não ser ali a morada da formosa joven e acompanhára-a.

Entrára, afinal num sobradão do *tempo do*

---

gro, arrancando ondulações da sêda do tecido caro, a cabeça emergindo de tarlatanas prateadas, convidou-me, com voz macia, em falsête:

— Vamos dançar, meu paradoxal rapaz! "Tristezas não pagam divida. Ria da vida. Ria de tudo que nos cerca. E' o unico consôlo de quem é triste ou dos que as amarguras da existencia fizeram tristes...

E, passando audaciosamente, as mãos bonitas pelas minhas costas, arrastou-me ao turbilhão da dança desenfreiada, aos rodopios. Deixei-me levar como um automato.

Sem um gesto de recusa ou de acquiescencia. O *meu Pierrot* cantava e ria, revolucionando tudo em tôrno. Dahi a pouco a musica parou. E, antes que o segundo *jazz* rompesse novo samba, levei a minha improvisada companheira a tomar um *grog* no *hall* do club garridamente decorado á japoneza. E, frente a frente, sob o reflexo polychromo das lanternas que bailavam sobre as nossas cabeças, os olhos nos olhos, procurei sondar a transbordante alegria da mascarada. Falei-lhe de coisas sérias, no meio de coisas futeis. Disse-lhe alguns conceitos graves sobre o mysterio da vida e o carnaval social. E vi, através dos "olhos" da mascara negra e reluzente, os olhos da minha companheira se anuviarem de repente, perderem aquelle brilho festivo, quasi orgiaco, e encherem-se d'agua. Não me a d m i r e i daquella transição que outro qualquer chamaria intempestiva. A alma humana tem, frequentemente, dessas mutações. Notadamente a alma feminina que é uma trama de sensações oppostas...

E l l a , chegando mais para a minha a sua cadeira, segurou-me uma das mãos carinhosamente e, com a voz murmurante, dolente, arrastada, voz de amargura, voz magoada, contrastando com a mascara brejeira que lhe occultava a face e a roupa faiscante que lhe cobria as linhas suaves do corpo bonito, falou:

— Parece que as nossas almas são gemeas. Tambem eu não sinto, aqui, a menor alegria, o mais leve prazer. Aqui vim em busca do que não encontro em parte alguma: um pouco de esquecimento, de olvido. Não posso, por maior que seja o esforço empregado, matar a lembrança de uma illusão bôa que passou, um dia, pela minha porta, desfazendo, depois, todos os meus anseios de ser feliz. A recordação dessa passagem dôce transformou-se num odio profundo, num rancôr inapagavel. Uma historia simples e dolorosa. Amarga, lancinante para a minha alma emotiva. Banal, ridicula, commum e mesmo grotesca para a grande maioria da humanidade que tem a sorte de não saber pensar.

"Eu tinha vinte annos incompletos. Filha orphã do pae, creada com liberdades illimitadas e nocivas a uma moça sem a minima experiencia da vida, fui, fugindo á vigilancia de minha velha mãe, assistir a um pre-

onça, de estranha architectura e desapparecêra.

Caboclo ficára na esquina proxima durante muito tempo.

Nos dias seguintes, ali voltára de manhã, de tarde, de noite. *Cá dê* a pequena ? ! Nada de apparecer.

Por fim, em linda tarde banhada de rosea luz, á hora crepuscular abrira-se uma janella e surgira a *garota*, como si fôra uma visão vespertina.

E elle extasiara-se deante daquelle quadro magnifico. E ali ficára olhando para aquellas bandas, quasi sem pestanejar.

Dali a pouco, desapparecia o sol do céu; e a alma de Caboclo, como a do poeta, gritava intimamente, numa *torcida* desesperada, para que o Regulador dos Planetas não se fôsse embora ou, pelo menos, que fôsse mais devagar...

Nos dias seguintes, ali voltára de manhã, de tarde... E outra vez, noutra linda tarde, chegára a joven á janella.

Caboclo estava firme na esquina, sem tirar os olhos *de riba* da morena; e começava a espumar como siri de mangue...

— Que é lá isso, Caboclo ? Que espumosidade é essa ? perguntára o vendeiro da esquina, linguaraz perigoso.

E Caboclo, a limpar a baba com a mão:

— Não é nada, *Sinhô!*

— Não é nada ? ! Pensa que ainda não desconfiei do teu dá-lhe que dá-lhe em perseguir aquella morena ?

— Garanto: não é nada !

— Vou te dizer uma coisa: vês aquelle velho que vai ali ? E' o pae da morena bonita. Toma cuidado ! Aquillo é um tigre, Caboclo !

— Não *hai* perigo, *home !*

— Como não ha perigo ? !

— Eu me garanto !

— Si o velho souber que estás namorando a filha delle...

Caboclo sorrira ao desdem.

— Quando ella não sabe, quanto mais o pae d'ella !

HORMINO LYRA

---

llo carnavalesco, em uma das nossas bonitas avenidas, em companhia de uma amiguinha, mais ajuizada do que eu, é verdade, mas, tambem, inexperiente. E, sob a ruidoso loucura da alegria pagã, — naquella época eu era verdadeiramente alegre, — deixei-me empolgar pela palavra facil e mansa de um mascarado elegante. A's tres horas da manhã, já quasi extenuada, dei entrada neste mesmo club, pelo braço do meu namorado de um instante, depois de havermos levado á sua residencia a amiguinha que, induzida por um reclamo de bom senso, se negou a acompanhar-nos. O resto, quasi não lhe sei dizer. Lembro-me, apenas, vagamente, como num pesadello vago que, ao sahir daqui para um lindo carro que nos esperava ao meio fio da calçada, ia completamente transtornada pelo alcool e pelos effluvios capitosos do ether. Lembro-me, ainda, de um grande beijo... Um unico. O resto apagou-se-me da memoria como uma bola de neve que o sol derretesse...

"A's onze horas do dia seguinte, quando despertei, olhei espavorida, em redor, não querendo crêr no que os meus olhos viam. Estava num quarto luxuoso de hotel, inteiramente só e ainda sob a impressão confusa do que me tivesse acontecido. Sobre a mesinha de cabeceira um pedaço de papel, com estas palavras amargas e dolorosas: "Podias ser melhor, si não estivesses ebria! Sê feliz." Cruel ironia: "Sê feliz!" Feliz após o holocausto inconsciente da unica riqueza que eu ainda possuia! Dessa noite desgraçada e desastrosa, originaram-se os mais dolorosos golpes que se pódem impôr a uma alma de mulher. Minha mãe, ao saber-me perdida, entristeceu, murchou como uma flôr aquatica numa estufa, e morreu com a maldição nos labios enregelados. De desgosto, de pesar. O ether, que volatilizou, no meu cerebro escaldante, a lembrança de passagem tão fatidica, não teve o poder de evitar uma recordação gravada na minha carne: carregava em mim o filho do mascarado, o filho do bandido. E, hoje, com quatro annos de idade, mastiga, o pobresinho! o nome de sua mãe, sem ter a quem chamar, ternamente,... papae. E' o filho anonymo do carêta. Do carêta de rosto e de alma. Do torpe, do cynico, do debochado..."

Num impulso violento, arrancou o trapo de sêda que lhe occultava o rosto, para que as lagrimas pudessem correr o seu curso normal, sem empecilho. Era uma linda creatura de 23 para 24 annos. Mas, as rugas começavam, já, a sua devastação impiedosa naquella mocidade que se estiolava. Rugas cavadas pelo soffrimento e pela dolorosa lembrança de um vil mascarado...

Nesse instante, o *jazz* maluco tocou nova peça. Até nós chegava o som bulhento, diabolico da sua musica de gritos, de berros, de guinchos doidos que os foliões ainda mais augmentavam cantando em delirio, como loucos...

ESPIÃ!

NUMA manhã de dezembro de 1915, procedente de São Petersburgo, chegava a Berlim uma bailarina russa de extraordinaria formosura: era Sonia Buskenieff.

Moça, pois tinha apenas vinte e dois annos, quando naquella noite dançou pela primeira vêz perante o publico berlinense, foi applaudida de tal fórma, que desde esse dia sua fama correu por toda a Europa.

Não fôra apenas a sua "tournée" artistica que a levára á Allemanha. Mézes atraz, ingressára no Serviço Secreto Russo. Um compatriota seu a induzira a abraçar essa perigosa e degradante profissão. Ella, amante de sensações novas, deante da opportunidade

* * *

que se lhe apresentava, não hesitou um instante siquer.

Depois de alguns mézes de espera, surgiu a primeira missão de confiança. Tratava-se de conseguir na Allemanha importantes esclarecimentos sobre um novo modelo de metralhadora. Arranjou contracto com um dos mais conhecidos "music-halls" de Berlim, e partiu.

Na capital germanica, installou-se num apartamento luxuosissimo. Acompanhava-a uma velha creada que trouxéra da Russia. Era sua dama de companhia e ao mesmo tempo quem fazia o serviço de casa. Chamava-se Marya. Detestava os allemãs, porque haviam morto seu unico filho. Quando Sonia recebia algum allemão, era ella propria quem tinha de servil-o, porque Marya, trancando-se no quarto, deixava tudo por fazer. A patrôa perdoava, porque sabia a ogeriza que Marya tinha por tudo quanto fosse allemão.

A astuta bailarina teve como primeira providencia, ao chegar a Berlim, relacionar-se com os meios militares.

Num festa em que fôra dançar, conheceu o major Ernest von Berg e, julgando ser chegada a occasião de obter o que desejava, convidou-o para uma ceia no seu apartamento, onde a sós pudessem gozar algumas horas agradaveis. O militar, fascinado com a belleza da joven, acceitou, e na mesma noite a espiã russa recebia no proprio apartamento um official superior do exercito do kaiser.

— Marya, — disse Sonia, de volta da festa, — convidei um official allemão para ceiar commigo. Elle virá á meia noite. Quero que prepares um frango assado, frios, salada de tomates, caviar, champagne gelada e um pudim para sobremesa. São oito horas. Tens, portanto, bastante tempo.

— Patrôa, desculpe-me, mas não servirei a allemão algum!

— Sou obrigada a revelar-te o meu grande segredo: eu não vim á Allemanha apenas para dançar, Marya. Sou uma espiã. Vou conseguir desse official importantes esclarecimentos que muito ajudarão aos nossos compatriotas. Mas fica quieta, Marya. Não digas nada a ninguem. Si alguem souber, estarei irremediavelmente perdida.

— Então é por isso que a senhora recebe allemães aqui em casa?

— E', Marya.

— A senhora os detesta tambem?

— Sim, Marya. E' preciso fingir, para que não desconfiem. Prepara a ceia, porque, si assim o fizeres, contribuirás para o salvamento de milhares de nossos compatriotas.

— Pelo bem da Russia farei qualquer sacrificio. A ceia estará succulenta. A senhora verá!

* * *

MEIA NOITE. A campainha tilintou. Marya correu a abrir a porta. O major entrou. Minutos depois, appareceu Sonia. Apesar de vestir um "toilette" de luxo, trazia apenas uma joia: era um collar de brilhantes.

Offereceu-lhe um *cock-tail* e foram ceiar. Durante a refeição, Sonia desviou a sua conversa para a guerra, perguntando:

— Quando acabará essa maldita guerra, Ernest? Não ha possibilidade de um armisticio?

— Armisticio no pé em que estamos é difficilimo, Sonia. A Allemanha está mais forte do que nunca. Com os novos modelos de armas de guerra que possuimos, cujos planos constituem segredo para os alliados, é impossivel nos imporem suspensão de hostilidades. A guerra acabará este anno ainda, com a victoria integral das armas allemãs.

— Acho que a guerra não deveria terminar com vencedores e vencidos, mas sim com um accôrdo honroso para ambas as partes.

— Isso seria aviltante para a Allemanha! Nós nos sentiriamos diminuidos!

— Peor seria si perdessem a guerra!

— Mas isso nunca poderá acontecer, porque cada allemão sente dentro de si a propria honra ultrajada. A victoria está muito perto, esteja certa disso, Sonia.

— E' o resultado da ambição dos homens!

— Sonia, mudemos de assumpto: quando te vi dançando esta tarde, senti dentro de mim uma voz que dizia: vae, toma-a em teus braços que ella corresponderá ao teu amôr.

— Essa voz era a voz do coração, Ernest. Mas não sou digna do teu amôr porque te chamei ao meu apartamento para trahir miseravelmente, quando confiavas cegamente em mim. Vou contar toda a verdade: sou do Serviço Secreto Russo. A minha vinda á Allemanha relaciona-se com a acquisição de informes sobre o novo modelo de metralhadoras. Hoje á tarde, lembrei-me de te convidar para esta entrevista onde eu, embriagando-te, faria com que désses todos os esclarecimentos. Mas sinto que é impossivel fazer semelhante coisa, porque eu o adoro Ernest.

— Ajuda-me então, Sonia! Collabora commigo para a victoria das forças allemães. Entra para o nosso serviço secreto, mas não abandones o russo, porque assim terás noticias bôas a nos dar.

— Ernest, por ti tudo farei. Continuarei fingindo que sou do Serviço Secreto Russo e todas as informações que obtiver transmittirei immediatamente a ti. Fica descançado, que tudo farei para a victoria do teu exercito, que tambem é meu, porque é do meu amado.

— Um brinde pelo teu successo, Sonia!

— Viva a Allemanha!

— Amanhã trarei um boletim de inscripção no serviço secreto e então poderás iniciar o teu trabalho.

— Agora vou me recolher, que já é muito tarde. Até amanhã, Ernest.

— A que horas poderei vir?

— A's cinco.

— Bem, até amanhã, ás cinco horas, Sonia.

— Até amanhã, Ernest.

Marya, emquanto Sonia se entrevistava com o major, armava um plano diabolico para que sua patrôa não entrasse, como promettêra, para o Serviço Secreto Allemão. Assassinaria Sonia e quando, no dia seguinte, o major viésse procurá-la, encontraria o seu cadaver. Para isso, collocou duas pastilhas de sublimado corrosivo na agua da cabeceira de sua victima. Quando Sonia se recolheu, notou que Marya estava mais alegre do que os outros dias. "Talvez seja por estar pensando que salvou os nossos compatriotas" — pensou. Deitou-se. Antes de dormir, como era do costume, bebeu alguns goles da agua envenenada.

Duas horas depois, acordou com colicas horriveis. Era o veneno que começava a fazer o effeito. Chamou Marya. Esta não se fez esperar. Appareceu na porta perguntando o que desejava. Sonia queixou-se das dores que estava sentindo e pediu-lhe que fosse fazer um pouco de chá. Marya soltou uma gargalhada satanica.

— Isso é o veneno que puz na tua agua, miseravel! Então pensavas que me enganarias impunemente? Vou alliviar as tuas dôres. Espera um pouco.

E, avançando no pescoço de sua victima, que desmaiára com as dôres, apertou-o até verificar que ella já exhalára o ultimo suspiro. Praticado o crime, murmurou, retirando-se para o seu quarto:

— Assim acabam os que trahem a patria!

PAULO VALLADARES

ALDO (Capital) — Perfeitamente. Quanto ao livro, eu só tenho que agradecer a gentileza do senhor. Fico muito satisfeito em saber o juizo que forma a meu respeito.

Houve uma modificação no meu horario. De modo que o sr. me póde encontrar de 11 ás 5 da tarde no telephone 2-5456 e de manhã e depois nesta redacção, 2-4136.

Espero assim a sua visita afim de que o senhor me exponha o seu ponto de vista.

MINEIRA (Capital) — As respostas que a sua bella missiva me inspiraram vão aqui, nos seguintes itens:

I — Começo estranhando que v. ex., sendo mineira, se dê á deselegancia de escrever esta phrase dura e desamavel:

"Agora, Yves, não póde você "encher a bocca de rosas", nem "os labios de perfumes", mas pode firmar na sua intelligencia, incontestavel, aliás, a certeza de que a mineira, com raras excepções, dispensam galanteios que venham fazer falta á paulista e á gaúcha".

As filhas da terra de Tiradentes, quando de élite, e no plano mental e social das paulistas — oh! as admiraveis paulistas! — e as gaúchas, nunca repellem os galanteios que se lhes dirigem; vão além, — retribuindo-os com a mesma graça e fidalguia com que os recebem.

Não é pedantismo. Mas devo dizer que, tendo visitado Bello Horizonte, ha cerca de dois annos, apressadamente, e quasi ás escondidas, tive o prazer de ser identificado no hotel, onde me hospedara, e ahi recebi as mais inequivocas provas de attenções e gentilezas por parte de algumas mineiras.

Escrevi uma chroniqua sobre essa visita, e disse tudo quanto as suas conterraneas mereciam: isto é, que são deliciosas, bonitas, encantadoras, cultas e distinctas, sob todos os aspectos.

As moças de Minas Geraes — quando de élite — friso bem — são tão finas, elegantes e distinctas, como as paulistas e as gaúchas. Direi mais: as mineiras compensam com a sua graça, a sua affabilidade e alegria, toda a esquivança e prevenção com que os homens nos recebem.

De sorte que, não acredito que ellas — quando finas — desdenhem as gentilezas e os galanteios que se lhe dispensam...

II — Não quero, nem pretendo transformar esta secção de blagues e futilidades, na carranca e

semsaboria de uma pagina politica. Mas, não escondo a minha admiração pelo grande S. Paulo, porque considero dever sagrado de todo brasileiro orgulhar-se de ter como patricio a um povo soberbo, glorioso e estupendo, como os filhos da terra dos bandeirantes! Então, D. Mineira, acha mesmo que é favor admirar essa gente maravilhosa, — orgulho e gloria da patria brasileira?

Ora essa! Não me faça perder a linha, por favor!

Sou nortista. Pernambuco que não renega o seu Estado. Mas, si fosse paulista estaria contente e considerar-me-ia feliz, porque estaria certo de pertencer a uma raça nobre e ousada (como a dos pernambucanos) aliás, cuja historia se escreve com riscos flammejantes de audacias e heroismos candentes de sangue generoso.

Gostou?

III — Não publico a sua carta, na integra, porque ella tem um cunho accentuadamente politico, e encerra ataques que poderiam provocar revides justos e explicaveis.

Mas, creia que lhe admiro o espirito, a coragem com que sustenta as suas convicções, e os rasgos de regionalismo inflammado, com que fala da sua terra gloriosa, — outro orgulho da nossa patria soberba!

Viva S. Paulo! Viva Minas! Viva o Brasil!

MARINA (Capital) — Agradeço-lhe a gentileza do seu presente de anniversario e espero poder retribuil-o. Mas, de que modo? Não sou dos que gostam somente de receber. Quero dar tambem a quem me dá.

Pode ser?

IGNOTUS (Pernambuco) — Antes de tudo: as suas collaborações estão aguardando espaço. Bem bôas.

Agradeço-lhe a defeza espontanea que tomou do meu romance e lamento que a imprensa do Recife seja tão parcial em questões literarias que só admitta ataques e accusações ao autor de obras como "Uma garçonne carioca" (obra de critica social, honestissima) e não lhes dê o direito de defeza.

Em todo caso, essa injustiça me colloca, como autor, numa situação de victima e, consequentemente, sympathica.

PAULO DE CAMPOS (S. Paulo) — Olá, caro confrade. Ha muito não sabia noticias suas. Emfim o sr. reappareceu, e com umas observações que não comprehendi.

Não sei o que o sr. pretende dizer. Quero, porém, offerecer o seu trabalho á interpretação dos leitores. Será uma critica ás minhas idéas? Será uma simples apreciação? *Chi lo sá?*

""Fon-Fon" de 7-1-933.

Secção: "Saibam todos"

.. ..

Cy (S. Paulo) — Hum! O snr. é cabalistico.

.. ..

A. M. Guimarães (?)..........

.. ..

Mas achei delicioso aquelle seu "le votre admirateur". Oh, é magnifico, seu Alarico! E' um gozo!

Yves

.... e em coro dirão os snrs. Cy e Am. Guimarães: hum! O snr é cabalistico.... mas achamos deliciosos os nomes das estrellas formosas e longinquas. Sirius? Venus? Marte? Oh, é magnifico seu Yves Portella! E' um gozo!

"Fon Fon" de 7-1-1933.

Analogia.......

Não importa o nome que tinham as estrellas formosas e longinquas. Lirius? Venus? Marte.......

Bastos Portella

Observações e Paulo de Campos"

RICARDO DE CARUARÚ (Pernambuco) — O sr. será capaz de produzir bôas coisas. A sua chronica "O poeta que a lourinha e-

gabelou", é uma prova disso. Mas, o sr. se expressa numa linguagem plebéa, accentuadamente localista, por vezes capadocia, quando não escangalha a grammatica, propositadamente, para fazer como os moços de poucas letras que se intitulam modernistas e outras coisas com esse suffixo.

O sr. escreve, por exemplo: "Me arrepiei todinho." Que vem a ser isso, como portuguez e fórma?

"Todinho" é um expressão que só indica uma indigencia vocabular alarmante.

Escreve adeante: que a boquinha da sua personagem lhe dava a impressão de "um fragmento rubro da alma de Lenine". E' uma pessima imagem. Como idéa, a phrase é ôca e inexpressiva.

Si o sr. dissesse: "fragmento rubro como as idéas de Lenine", ainda se poderia admittir a sua imagem, uma vez que se tomassem as idéas politicas e reformistas do grande russo, como uma coisa vermelha. Mesmo assim, o caso seria discutivel.

Não. Quando o sr. escrever como um homem de espirito, pelo menos, revelando-se artista, terá o meu apoio franco e decidido.

SALY (S. Paulo) — Eu admiro as paulistas. E certamente admiro muito senhoritas ingenuas e puras como v. ex. que deveria chamar-se Agnés, a santa Agnés, virgem de Salermo, e personagem da *Ecole des femmes*, comedia de Molière, e que ficou sendo o typo da ingenua.

Leiamos, porém, a sua carta:

"Yves. Ainda minha cartinha é rosa.

Yves máu. Você quer que lhe escreva uma roxa, mostrando que amo, que sofro!

Máu!... Então só ha dois lados da vida, o amar e o sofrer? Mas, deve haver um outro, que a gente escapula como se escapole da aula de sciencia e geographia. Ha então cousa peor que o "grude" e os castigos das rezas, que nos implantam no colegio?

Yves, você que é bom e tem decerto irmã, tem pena de mim... Seje meu guia na vida mesmo de longe. A sociedade é tão ruim como você diz em "Uma Garçone Carioca"? Que horror! Então o mundo não presta! Este mundo que foi feito por Deus!

E eu anda no principio da vida! Se eu pudesse dormir e não acordar mais... O seu livro me impressionou vivamente. Todas as moças são como Maria Lucia? Ela tambem foi educada em colegio de freiras! A vida não é nada meu Deus! Nada, é um vacuo, nada nos prende a ela. Tenho vontade de fugir dela, fugir de tanta cousa má. Tinha sido ingenua em pensar que deixando as grades do colegio, o céu seria mais azul, que fóra, a vida me esperava risonha, tapetada de flores... E pensei que ela fosse linda, deliciosa, lindissima.... Já que não é assim, que fico fazendo aqui, diga Yves! Viver para que? Se a gente pudesse viver sem pensar... Yves eu não quero amar. Não existe amôr no coração dos homens. Eu vi pelo seu livro. Choro minha ilusão perdida...

Obrigada Yves por me aturar tanto tempo. Seje sempre amigo da — *Saly*."

Depois da leitura dessa carta, só me occorre uma idéa: passar-lhe uma receita. Uma prescripção medica. Para que? perguntará v. ex.

V. ex. vae vêr. Ouça: Pela manhã — mingau de aveia. Chupeta — a qualquer hora. Caldo de laranja — no calor. Uma touca de rendas. Sapatinhos de lã. Um *biberon*. Um babador, onde se encontre bordado, á linha vermelha este aviso prudente: "Não me beije"!" Uma figuinha de Guiné, para evitar os "quebrantos". Um dente de aranha caranguejeira para favorecer a dentição.

Uma fraldinha e um galhinho de arruda para afastar "maus olhados".

Si fôr possivel, peça tambem ao papae para pôl-a dentro de uma redoma...

AIMERY (S. Paulo) — Oh, querida e sympathica creatura! Aceite os meus agradecimentos pelas palavras amaveis que me dirige.

Ha quanto tempo não recebo noticias suas. Que fim levou?

Muitas saudades, sim?

CAPICHABA (3) — A carta que me derige vae aqui pela simples razão de ella se adaptar ao espirito desta secção. Os seus versos estão bons e sob a forma displicente, em que são vasados, revelam um sentimento amargo e melancolico.

Quer dizer, a sua missiva apparece nesta pagina, não como uma diminuição, mas como uma bella adaptação.

Eis a referida missiva:

"Caro Yves. Toda semana V. responde a uma porção de gente que lhe manda perguntas, versos, contos, trechos literarios etc. que na maioria das vezes não valem o papel que gastaram... Talvez aconteça isto comigo...

V. deve ficar cheio dessa cousa, amolado, aborrecido, mal humorado, no dia em que é obrigado a ler isso tudo...

Compreendo bem... mas a unica cousa que está nas minhas possibilidades é lamenta-lo profundamente.

Todavia, esse meu sentimento não inclue a minima parcela de comiseração; e para provar isso mando-lhe o soneto que segue, sobre o qual V. vae desferir algumas afinetadas da sua interessante ironia, no doloroso cumprimento da sua obrigação, na qualidade de redator da secção de "Saibam Todos".

Si V. disser que o soneto não presta, que precisa de ser internado numa casa de saude..., literaria, não ficarei aborrecido.

Contentar-me-ei com o goso do legitimo direito, concedido pelo "Fon-Fon" aos leitores — o direito de amolar o sr. "Yves".

E' o seguinte o soneto:

AMOR DE ESTUDANTE

Os meus livros andavam rabiscados
repletos de teu nome; e de lem-
[branças
do nosso amor ingenuo de creanças
de que só restam laivos apagados.

Briguei... devolvi tudo, as tuas
[tranças
as flores, os presentes, os recados
escrito em bilhetes perfumados,
desiludindo minhas esperanças.

(Continúa na pag. seguinte)

Aos nossos leitores. — Nesta secção prestaremos todas as informações que nos solicitem, bastando tão sómente que sejam formuladas com clareza e lógica.

* * *

Toda e qualquer correspondencia designada a "Saibam todos" deve ser dirigida a Yves, nesta redacção. Mas para isso é necessario enviar-nos coupon abaixo, devidamente preenchido.

ENDEREÇO

Rua Republica do Perú, 62

Caixa Postal 97

Telephone 2-4136

FON-FON — 25 - 2 - 933

Data da consulta..............

Nome do consulente..............

....

E com a borracha, displicente-
[mente,
fui limpando meus livros com
[intento
de esquecer esse amor que foi ar-
[dente.
E cousa igual eu fiz no pensa-
[mento...
Pelas folhas passei da minha mente
a borracha do meu esquecimento...
R. L."

ZE' DE BURRO (3) — Oh! como é que o sr. escolhe esse pseudonymo tão feio: Zé de Burro? Porque afinal o sr. não chega a ser como esse quadrupede.... Nem mesmo se parece com elles...

Apenas eu acho que o seus sonetos, que o sr. chama *versos* (?), estão a justificar, não o seu pseudonymo, mas que o dito não foi mal escolhido... Quer dizer que isto quer dizer que não quero dizer que isto é chamal-o "Zé de Burro", seu "Zé de Burro..." Mas, uma coisa obriga a outra; e etc e tal reticencias...

Escreve o sr. com toda a sua ingenuidade poetica:

"Illmo. Sr. Bastos Portella: Rio de Janeiro. Com o fim de agradecer o seu trabalho, o seu julgamento dos meus versinhos, valho-me desta opportunidade para lhe apresentar os meus protestos de sympathia e gratidão.

Remetto-lhe junto a esta, dois versos (sonetos) que, pobremente poderão traduzir o meu pequeno estro.

A sua critica me agradou bastante quer pelo seu modo, quer pelo seu caracter critico.

Espero ser agradavel e comprehendido desta vez.

Sem mais, subscrevo-me com elevada estima e distincto apreço.

N. B. — O meu pseudo é Zézinho ou Zé de Burro."

O soneto, a que o sr. chama de *verso* (3) é o seguinte:

ANIMA MEA

Não me orgulho de ser humano
[nesta vida...
Não tenho lar, nem fé, nem mãe—
[não tenho nada.
Nasci não sei porque, cresci —
[alma illudida,
Como arvore, num campo aberto,
[abandonada.

Bóla feita de amor, e sem amor
[jogada,
A rolar... a rolar... eu vou nesta
[descida!
Porque cresci, Senhor, meu Deus,
[nesta comprida
Existencia infernal, cruel e amar-
[gurada!!

Orphão de amor, de fé, de mãe —
[orphão de tudo,
Não encontro jamais no meu ca-
[minho rudo,
Um pedaço de chão para dormir,
[ao certo!

E assim, sosinho, soffro, e assim,
[soffrendo, passo
A rolar... a rolar... E, morto de
[cansaço
Eu tenho a alma vazia e o coração
[deserto!

Quando o sr. diz, ali adeante, que é "bola feita de amor e sem amor jogada", eu pensei de momento, que o sr. ia dizer que era bola de foot-ball, bola de sêbo, bola de borracha... E creia que tive vontade de gritar: — Ora bolas! Mas tive pena do sr. em face do seu grande infortunio, pois confessa que não encontra nem "um pedaço de chão para dormir"...

Livra! Será que o sr. não dorme nunca? Ou se entrega aos braços de Morpheu, trepado numa arvore? Mas que diabo! O sr. se diz Zé de Burro e não Zé de Macaco, nem Zé de Passarinho...

Yves

DOIS CASOS DE PSYCHIATRIA

— O novo medico do manicomio. — E você disse que ha um louco pacifico no manicomio?
— Sim, senhor; e é todo coração, todo bondade. Tem uma loucura muito curiosa...

Ahi o tem o senhor: passa o dia com esta boneca, pensando ser a noiva, que, aliás, foi a causa de sua loucura, porque se casára com outro.

— E loucos furiosos? Existem tambem?
— Sim, senhor. Ha até um caso de loucura tão furiosa, que não se lhe póde tirar a camisa de força...

Veja o senhor que caso de furia, não é verdade? E o mais curioso do caso é que este foi o tal que se casou com a noiva do louco pacifico...

O homem que tentou apanhar um raio de sól...

(A Gustavo Barroso)

Salão de chá rumorejante. Casaes elegantes da cidade entram, vagarosamente, pela larga porta envidraçada, attrahindo os olhares dos que palestram ou "flirtam". Só a orchestra, executando um trecho de ópera de Wagner, vence o borborinho. Em todos os cantos fala-se mal da vida alheia. O chá a ninguem interessa; o que a todos interessa são os escandalos mais recentes...

Personagens: Raul Osmar, trinta annos, filho unico de um politico em evidencia, dono de uma "baratinha" que tem transtornado muitas cabeças de mulher; sem ser um Adonis, não deixa de ter uns traços sympathicos e bastante attrahentes. Laura Azevedo, joven de belleza invulgar, possuidora de um par de olhos negros estonteantes; joven moderna, que diariamente é obrigada a ouvir dezenas de madrigaes idiotas.

RAUL (*que está só e a todo instante volve o olhar ansioso para a porta de entrada*). — Por que Laura tarda tanto? (*Consulta o relogio-pulseira e continúa a monologar*). Disse-me, ao telephone, que aqui estaria ás quatro horas em ponto. São quasi cinco e ainda não appareceu. Decididamente, as mulheres bonitas jamais perderão o vicio de fazer os homens esperar. (*Faz um gesto de impaciencia e logo se sobresalta*). Ahi vem ella... Finalmente!

(*A porta enquadra a figura fina e esguia de Laura, que se dirige á mesa de Raul com andar provocante, deixando atráz de si uma onda de perfume inebriante. Raul levanta-se e, cortez, beija-lhe os dedos.*)

LAURA (*sentando-se com indolencia*). — Demorei-me?

RAUL. — Não. (*Desmentindo seu pensamento anterior*). Os homens não pódem achar que uma mulher bella se demora.

LAURA (*enfadada*). — Galanteador...

RAUL. — Longe disso. Só rendo homenagem á verdade.

(*Laura circumvaga o olhar pelo salão e faz um aceno de cabeça em resposta ao exaggerado cumprimento de certo cavalheiro calvo.*)

LAURA (*voltando-se para Raul*). — E's capaz de adivinhar porque não appareci á hora combinada?

RAUL. — Foste ao Instituto de Belleza?

LAURA. — Perverso!

RAUL. — Longe disso! Poderias ter ido lá para cederes um pouco de teu encanto ás clientes que andam necessitadas desse raro attributo...

LAURA (*com um tregeito de amúo*). — Quando perderás esse inveterado habito de brincar com as coisas mais sérias deste mundo?

RAUL. — Pois é facil arrancar-me esse habito. E' só quereres...

LAURA. — Como?

RAUL. — Bastará que lacres meus labios com um beijo longo, sem fim!

LAURA (*nervosa*). — Chega! Prohibo-te que prosigas esses detestaveis galanteios!

RAUL. — Rendo-me á tua belleza e deponho as armas ante teus irresistiveis olhos negros...

LAURA (*desarmada*). — E's incorrigivel e impossivel de aturar. Perto de ti, toda e qualquer paciencia se exgotta!

RAUL (*mudando de expressão*). — Esqueceste o que ias dizer-me para justificar tua demora?

LAURA. — Não, não esqueci. Apenas esperava que te resolvesses a deixar-me falar.

RAUL. — Si assim é, pódes continuar.

LAURA. — Continuar, não. Agora é que vou principiar.

RAUL. — Ou isso.

LAURA. — Pela manhã, quando me chamaste ao telephone, combinámos que nos encontrariamos aqui ás quatro horas, não foi? (*A um movimento affirmativo de Raul, prosegue*). Logo depois que desliguei o apparelho, a Dulce esteve em casa e convidou-me a acompanhal-a a uma visita que ia fazer ao Oscar Guimarães... Acaso o conheces?

RAUL (*forçando a memoria*). — Oscar Guimarães? Oscar... Oscar... Ah! Sim, recordo-me delle. Não é um rapaz pállido, que sempre andava trajado de preto?

LAURA. — E' esse mesmo.

RAUL. — Que lhe aconteceu?

LAURA. — Desde o mez passado está numa casa de saúde.

RAUL. — Cocaina?

LAURA. — Não. Desequilibrio mental.

RAUL. — Pobre moço!

LAURA (*compungida*). — E' mesmo como dizes. Dá pena vêl-o. Quando o avistei, fiquei consternada. Já não é o que era. Não passa de uma sombra. Uma sombra triste que anda errando pelas salas brancas. Macerado, a pelle apenas a cobrir-lhe os ossos salientes, a roupa cáe-lhe em dobras, parecendo azas negras a agitar-se ao léo. Creio que não nos reconheceu. Fitou-nos, é verdade, mas, com uns olhos inexpressivos, sem luz e sem vida. Suas pupillas opacas moviam-se de maneira sinistra e, depois, se póz a murmurar palavras desconnexas. A sua voz, pastosa, sahia aos arrancos e da bôcca corria-lhe a saliva, untando as commissuras repuxadas dos labios. Uma cousa horrivel, Raul, horrivel! De quando em vez, murmurava um "eu ainda hei de apanhar aquelle raio de sól", que para mim não tinha significação alguma. Ao sahirmos da casa de saúde, ia absorta e intrigada por causa dessa phrase, que julgava destituida de qualquer sentido.

RAUL (*interessado*). — E conseguiste decifrál-a?

LAURA. — Sim. Estava decidida a não interrogar Dulce a esse respeito. Entretanto, ao chegar o momento em que nos deviamos separar, não pude conter-me e, sabendo-a conhecedora da vida de Oscar, disparei-lhe a pergunta que me queimava. Prometteu contar-me a historia sob a condição de que fosse almoçar em sua companhia.

RAUL. — E foste?

LAURA. — Está visto que sim. Apenas pedi-lhe que me désse tempo para trocar de *toilette*. E abalámos. Findo o almoço, Dulce conduziu-me ao seu quarto. Principiou por me dizer que sempre fôra cortejada pelo Oscar. Ella, si bem não sentisse grandes sympathias pelo rapaz, correspondeu-lhe e tornaram-se noivos. Nunca, porém, foi expansiva e amorosa. Tempos depois, Oscar fez um viagem a Minas e, antes de embarcar, marcou a data do casamento para quando regressasse. Voltou. Mas, ao chegar, ninguem deixou de reparar na sua profunda, visivel transformação. Era outro. Daquelle Oscar de dias antes nada mais restava. Que lhe succedêra? Mysterio! A seus paes e á noiva se queixava de que lhe faltava qualquer coisa para ser feliz. A's insistentes perguntas que lhe eram feitas, dizia ignorar o que ardentemente desejava. Accrescentava sentir dentro de si o vago, o indefinivel, um vazio que lhe torturava a alma, que o levava á loucura. Depois, passou a affirmar que somente se restabeleceria si pudesse satisfazer a um desejo.

RAUL. — Que era?

LAURA. — O seu desejo consistia em apanhar um raio de sól.

RAUL (*condoido*). — Coitado!

LAURA. — Todas as manhãs ia ao jardim e punha-se a agarrar o espaço, murmurando: "Si eu apanhar um raio de sól, terei conquistado o amôr de Dulce!..." Passou-se uma semana assim e, por fim, a familia não teve outro remedio sinão internál-o numa casa de saúde.

RAUL. — E a Dulce? Que diz ella de tudo isso?

LAURA (*sorrindo tristemente*). — A Dulce? Ao acabar de contar-me a historia de Oscar Guimarães, perguntei-lhe si não se sentia penalizada. Perdeu-se de rir. E só no instante em que a crise de riso estancou, conseguiu dizer-me: "Por que havia de ficar penalizada? Ao contrario, desejaria estar em constante visita a todas as casas de saúde da cidade para vêr, de perto, os homens que, por minha causa, querem apanhar raios de sól..."

(*Calam-se. Laura abre a bolsa, tira o "baton" e passa-o pelos labios polpudos e tentadores. Raul passeia seus olhos pelo vasto salão, agora repleto. A orchestra põe-se a executar a "Dança das horas", da "Gioconda"*).

ARMANDO BOUSSOLO

— Mascaras para occultar as emoções dos jogadores em uma partida de "poker".

A cidade abandonada

De G. Papini

* * *

TIEN TSIN — 13 de dezembro. A cidade mais maravilhosa que eu vi em toda a Asia é, sem duvida alguma, aquella que descobri, uma noite de outubro, ao oriente de Khamil, em pleno deserto.

A caravana de camellos, reunida com grande trabalho em Turfan, era lenta demais para um homem habituado, na America e na Europa, á rapidez dos trens de luxo. Além disso, os conductores mongóes de camellos se me haviam tornado odiosos nas tres etapas, durante as quaes eu tivera de dominar-me para não chicotear os mais lerdos. Ao chegar a Khamil, com a desculpa de fazer novas provisões, parecia que já não se queriam mover dali.

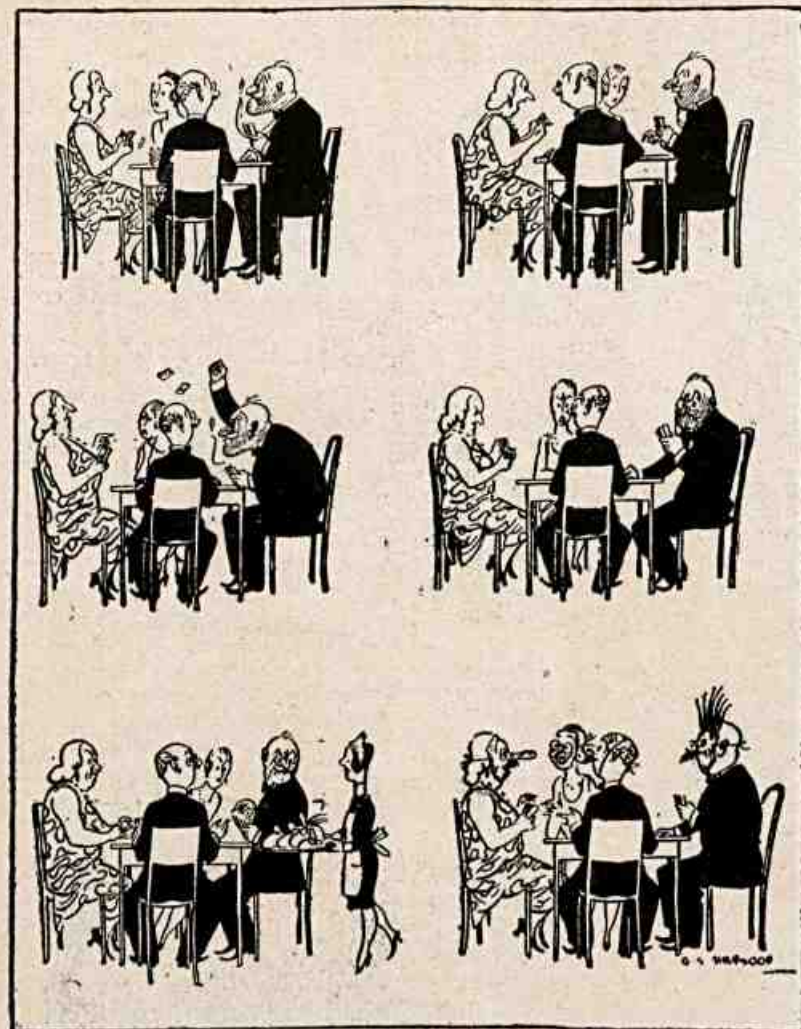
Desesperado ao ver-me naquella cidade immunda, onde nada tinha que fazer nem que ver, perguntei ao chefe dos empregados, Ghitaj, si era possivel seguir adeante a cavallo para esperar a caravana em pleno deserto.

Na manhã seguinte, deixámos a repugnante Khamil, montados em dois cavallos pelludos e pequenos, mas rapidissimos, e corremos para Este.

O ar era frio, mas sereno. A estrada se alongava quasi recta entre a herva curta e dura da stépe immensa. Cavalgámos muitas horas em silencio, sem encontrar viva alma. Na encosta de uma duna arenosa fizemos alto para comer o carneiro assado que levavamos. Ghitaj conseguiu fazer um pouco de fogo com a herva ruim e offereceu-me a bebida famosa dos mongóes: o chá com manteiga derretida. Os cavallos pastavam ao sol brando. Reatámos carreira até o crepusculo. Ghitaj dizia que junto do caminho haviamos de encontrar um acampamento de pastores e de cavallos.

Mas não se descobria nem uma nuvem de fumo em qualquer ponto do horizonte. No crepusculo, ainda limpo, continuava a distinguir-se a estrada. Uma lua quasi cheia se ergueu no levante, sobre a linha da planura.

Os cavallos não davam signaes de cansaço. Outra coisa não podia fazer sinão proseguir.

Tornar a Khamil significava desfazer todo o caminho feito»

— Resolvi augmentar-lhe cincoenta mil reis no ordenado.
— E o senhor póde me dar uma carta, assignada, avisando-me do augmento?
— Não lhe basta a minha palavra?
— Para mim é sufficiente; mas, necessito de uma prova, pois minha mulher espera um augmento de duzentos mil reis. .

---

isto é, cavalgar durante toda a noite. Ghitaj continuava a buscar na poeira embranquecida da immensidade um signal de acampamento, que, segundo elle, devia estar proximo. A lua se elevára e os cavallos relinchavam; levantou-se o vento gelido da noite, que nem os montes, nem as plantas continham.

De quando em quando, me detinha para escutar e para beber um pouco de *vodka*. Nem uma barraca, nem um rumor, nem uma voz. Olhei o relogio: eram dez horas. Fazia dezeseis horas que cavalgavamos. Os cavallos andavam a passo e temiamos que de um momento para outro se estendessem no chão, exhaustos.

Não muito distante, deante de nós, a uma meia milha, uma grande sombra alta, massiça, rectilinea.

Ghitaj não soube dizer-me do que se tratava. Em alguns pontos, a sombra se elevava, recta como uma torre. A' medida que nos aproximavamos, mais certo me parecia se tratasse das muralhas de uma cidade.

Ghitaj, mais taciturno do que de costume, não respondia ás minhas perguntas.

Não me enganava. Na brancura velada da lua outomnal erguia-se deante de nós a cinta immensa de uma alta muralha, com as suas redondas atalayas. Uma cidade!

Senti-me feliz. Aquellas muralhas queriam dizer: um tecto, um albergue, uma ceia, uma cama, a salvação. Ghitaj, porém, conservava-se calado e não me pareceu muito satisfeito de encontrar-se alli. Perguntei o nome da cidade, mas não mo quiz dizer.

— E' melhor não entrar. — disse depois.

Não comprehendi!

Chegára deante de uma porta de velha madeira, constellada de grandes pregos de ferro. Estava bichada. Bati com força com a culatra do fuzil. Ninguem respondeu. Ghitaj apeára-se do cavallo e permanecia de pé meditabundo.

Vendo que ninguem abria, pensei em contornar a muralha afim de encontrar outra porta. A cerca de meia milha, entre as duas torres, abria-se uma vasta abobada vazia, especie de bocca de buraco. Entrei alli mas depois de haver dado uns vinte passos, o cavallo estacou.

No fundo arco apparecia uma porta fechada. As minhas batidas ficaram sem resposta. Além dos batentes gigantescos ouvia-se um rumor.

Sahi de novo para continuar a contornar o recinto. As muralhas se erguiam sempre altas, vetustas, desiguaes, sombrias, como si não tivessem fim. A pouca distancia da porta grande, abria-se uma poterna de pouca apparencia, mas visivel, porque sobre ella appareciam esculpturas de marmore ennegrecido: pareciam-me, á luz confusa da lua, duas serpentes

. . . (Cont. na pag. seguinte)

anthropocephalas a se beijarem. Estava fechada, como a outra, mas, fazendo força parecia ceder. Ordenei a Ghitaj que me ajudasse. A' força de golpes de hombros, os dois batentes de madeira podre se desarticularam e se racharam. Mas Ghitaj não quiz entrar commigo. Nunca o vira tão abatido. Estendeu-se ao chão, com a cabeça apoiada na muralha, e tirou uma especie de rosario.

— Ghitaj espera aqui — disse elle — Ghitaj não entra. O senhor não devia entrar.

Eu não o escutava. O meu cavallo estava cansado, mas, dir-se-ia que a proximidade daquellas construcções lhe havia dado um vigor novo. Entrei num labyrintho de ruas estreitas, desertas, silenciosas. Nem uma luz nas portas, nas janellas; nem uma voz, nem um signal da vida. Todas as sahidas estavam fechadas. As casas eram baixas e, o que me pareceu, pobres e de deploravel aspecto.

Cheguei a uma praça vasta, inundada pela luz da lua. Em torno pareceu-me divisar uma corôa de figuras, grandes demais para serem homens. Ao aproximar-me, percebi que eram estatuas de pedra, de animaes. Reconheci o leão, o camello, o cavallo, um dragão... As casas eram mais altas e mais majestosas, mas fechadas e mudas como as outras que vira antes. Experimentei bater nas portas,

A cidade abandonada

(Conclusão)

gritar. Nem uma porta se abria, ninguem respondia. Nem o rumor de um passo humano, nem o ladrar de um cão, nem o relincho de um cavallo rompiam aquella taciturna allucinação... Percorri outras ruas, desemboquei em outras praças: a cidade era, ou se me afigurou, grandissima. Em um torrão que se erguia no meio de um immenso claustro, pareceu-me vislumbrar um resplendor de luzes. Detive-me para contemplar. Um bater de azas me fez comprehender que se tratava de um bando de aves nocturnas. Nem um outro sêr vivo parecia habitar a cidade. Em uma rua vi alguma coisa alvejar em um portico. Apeei do cavallo e á luz da minha lampada electrica reconheci os esqueletos de tres cães, ainda unidos ao muro por tres correntes oxydadas. Só se ouvia, na cidade deserta, as pisadas cansadas do meu cavallo. Todas as ruas estavam pavimentadas, mas ao que me pareceu, muito pouca herva crescia entre uma pedra e outra. A cidade parecia abandonada havia poucas semanas, ou, quando muito, havia poucos mezes. As construcções se achavam intactas, as janellas, com os portigos envernizados de vermelho, cuidadosamente fechadas, as portas escoradas e trancadas. Não se podia pensar em um morticinio. Tudo estava intacto, polido, em ordem como si todos os habitantes se tivessem ido juntos, por uma decisão unanime com calma, á mesma hora. Deserção em massa, não destruição, nem fuga. Encontrei, logo, no chão, um gibão de mulher, e um saquinho com algumas moedas de cobre. Si me detinha, de subito, a escutar, só ouvia o roer dos carunchos e o ruido dos ratos.

Eu cavalgava pelas linhas geometricas que a lua formava por entre as sombras desiguaes das construcções.

Cheguei a um palacio enorme, de ladrilho, que tinha o aspecto de uma fortaleza: fôra, talvez, um alçapão ou uma prisão. No portal maior, dois colossos de bronze dois guerreiros de armaduras cobertas de môfo dominavam como sentinellas dos cyclos mortos, olhando-me ferozmente do fundo de suas orbitas vazias.

E então comecei a sentir o horror daquella cidade espectral, abandonada pelos homens, deserta em meio do deserto. Sob a lua, naquelle dédalo de ruas e praças só pelo vento habitadas, senti-me espantosamente só, infinitamente estranho, irrevogavelmente separado da minha gente, quasi fóra do tempo e da vida. Senti-me sacudido por um calafrio, talvez de cansaço e de fome, talvez de espanto. O cavallo caminhava, agora, muito lentamente, com o beiço para o chão, e de quando em quando se detinha e tremia.

Consegui, felizmente, encontrar a poterna por onde tinha entrado.

Ghitaj, envolto na pelliça, dormitava. De madrugada, divisamos uma fumarada longinqua: era o acampamento que haviamos supposto encontrar na noite anterior. A minha caravana chegou dois dias depois.

Ninguem, em toda a Mongolia, quiz dizer-me o nome da cidade deshabitada. Mas, frequentemente, em Tokio, em S. Francisco, em Berlim, torno a vêl-a como um sonho terrifico do qual, talvez, não desejava despertar. E sinto-me pungido pela saudade, por um grande desejo de tornar a vêl-a.

Uma carta como muitas...

De Reynaldo Reis

"Necy. — Dizes que fazes votos pela minha felicidade e quanta ironia ressumbra das tuas palavras!...

Não sei como me será possivel ser feliz si apenas está commigo o lado material da vida. Tu bem sabes onde está a minha felicidade, esse bem tão pequeno com que me contento. E, apesar disso, deixas que o teu Gustavo se vá envenenando lentamente com a artificialidade mundana. Deixas que fique soffrendo esta alma tão sonhadora e tão idealista, o horror do contacto com as futilidades e com os preconceitos e com as conveniencias. Não queres saber si destroças uma vida ou si aniquillas uma esperança, roubando-lhe a unica razão de ser. Nem te importam essas coisas e cada vez mais me convenço de que o teu amôr nada mais foi do que a sensação de uma novidade. Mais um brinquedo, menos um brinquedo que está ao teu alcance na grande loja da vida.

Como ser feliz, si trago commigo o estygma de uma predestinação que nem sei si é justa, si injusta? Julgas que esses bailes e festas attingem a minh'alma? Não, Necy. Si existe o negrôr de um desespero, si ha a cinza de uma tristeza muito grande — eis minha alma.

Ao receber a tua carta e ao vêr aquella mesma letra fina e caprichosa que tantas illusões trazia em cada vez que chegava, quasi que nem quiz abril-a. Que me reservaria? Receiava o que se deu. Tinha medo viesses agradecer o meu telegramma de bôas-festas, que não quizeste comprehender, disfarçando com o aprimorado da tua educação a indifferença que está succedendo á ingratidão. E não me enganei, infelizmente...

Pobre Gustavo! Que resta do teu ideal? Onde está a tua esperança? Onde dormitam os teus sonhos e murmurem as tuas illusões?

Essa felicidade que acreditei ter bem perto de mim, foi como os meteoros: deslumbrou e fugiu.

Disseram-me que estás noiva e que te vaes casar com um senhor rico. Talvez estejas fazendo bem. Dar-te-ei alguma coisa que esse "outro" não póde dar-te: a minha mocidade. Eu faria de ti a illuminura mais linda de toda a minha vida. Resumindo as minhas esperanças, serias para mim assim como o idolo do meu fanatismo de enamorado. Mas não poderia offerecer-te automoveis e joias caras e *bungalows* sumptuosos. Nem tão pouco terias a vida faustosa que, de certo, vaes levar. Sabes que sou terrivelmente egoista nas minhas affeições. E por isso mesmo, si eras uma parte da minha vida, si me amasses, creio gostarias de vêl-a como eu.

Emfim, talvez estejas fazendo bem. Nos tempos de hoje pesa mais na balança um annel de brilhantes do que todo um thesouro de ideaes.

Mas estás certa de que o dinheiro te daria felicidade? Teu, apesar de tudo, — Gustavo"

DE MANHÃ, AO MEIO-DIA, Á NOITE.

Os scientistas recommendam visitar o dentista duas vezes por anno. E o ideal é conseguir que o dentista nessas visitas annuaes nada encontre que tratar. Para isso, basta cuidar permanentemente dos dentes, escovando-os pelo menos tres vezes por dia em todos os sentidos. Como nunca se póde ter a certeza de que a escova penetrou em todas as cavidades e intersticios dos dentes, é importante usar o novo Creme Dental Gessy, cuja formula anti-acida, na qual se contém Leite de Magnesia, neutraliza as fermentações dos residuos mesmo nos pontos não attingidos pela escova.

Agradavel de sabor, fresco e hygienico, o novo Creme Dental Gessy garante a mais perfeita asepsia da bocca e clareia os dentes sem damnificar o esmalte, porque sua espuma branca não contém substancias arenosas ou abrasivas.

Todos os dias, de manhã, ao meio-dia e á noite, escove os dentes cuidadosamente com o novo Creme Dental Gessy.

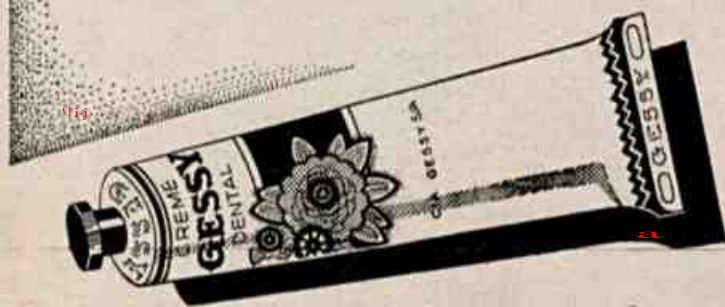
CREME DENTAL

GESSY

PRODUCTO DA CIA. GESSY S. A.

ANNO XXVII

FON-FON

NUMERO 8

Director: SERGIO SILVA

Rio de Janeiro, 25 de Fevereiro de 1933

AHI, HEIN?!...

UM côro de vozes gutturaes, com algo de diabolico.

Ahi... hein?!...
Pensas que eu não sei?...
Toma cuidado,
Pois um dia eu fiz o mesmo
E...

A rima, em calão baixo, arranhou-me o ouvido. Olhei para o lado, onde um casal de noivos sonhava uma vida melhor, cheia de ternura.

A rapariga loira abaixou os olhos, corada de vergonha; o moço esboçou um sorriso imbecil, incomprehensivel...

As meninas do automovel gozaram! O vehiculo perdeu-se na volta de uma esquina, mas, o côro distante ainda ecoava:

Pois um dia eu fiz o mesmo
E...

Perfeitamente! A folia carnavalesca tem essa propriedade singular de confundir tudo, conduzindo creaturas angelicas para os atalhos perigosos, cuja existencia ellas desconheciam.

Estamos em pleno reinado da vida physica, e, por isso, Momo é um deus que electriza.

A época é dos instinctos brutaes, de animalidade, do *sport* da carne, da ausencia de espirito.

Vá a gente se commover com o espectaculo dos nossos dias!

Para que?!

Ahi... hein?!...
Pensas que eu não sei?...
Sou camarada...
Faz de conta que eu não sei...

A canção das ruas diz tudo. A psychologia da nossa existencia sensual está ahi traçada em poucas palavras.

Só os velhos se escandalizam ouvindo a canção do dia:

Menina que chega em casa
ás quatro da madrugada...

Mas, a canção é irreverente, e nem mesmo respeita os cabellos brancos. Carrega de roldão, tudo...

Velhóta dos seus sessenta
Na praia toda innocente...
Brincando com as creanças lá [na areia...
Vae pondo areia nos olhos da [gente!

Francamente!... A praia é uma especie de sala de visitas da cidade. E' a *vitrine* onde a nossa propensão para a volta ao paganismo se exhibe á curiosidade dos visitantes. Na praia, brincando, certos *maillots* vão pondo areia nos olhos da gente... Quem quizer conhecer o fundo do quintal que faça *camaradagem* com Momo. Por méra convenção elle reina durante tres dias apenas. Porem, na realidade, o nosso carnaval dura todo o anno. Pura questão de mascaras, que cada um afivela a seu geito, a seu modo. *Pierrots* sentimentaes. *Arlequins* atrevidos, *Colombinas* de todas as idades. O que ninguem quer é fazer o papel de *Bobo do Rei*... Até parece que Momo perdeu o sceptro, passando a viver numa Republica de Camaradas... Caluda! Nada de falar mal da vida alheia.

O vozerio, as gaitas, o ruido dos guizos, tudo o que é doido paira no ar. Muita bôcca vermelha péde beijos... Vamos...

Sou camarada...
Faz de conta que eu não sei...

MARIO POPPE

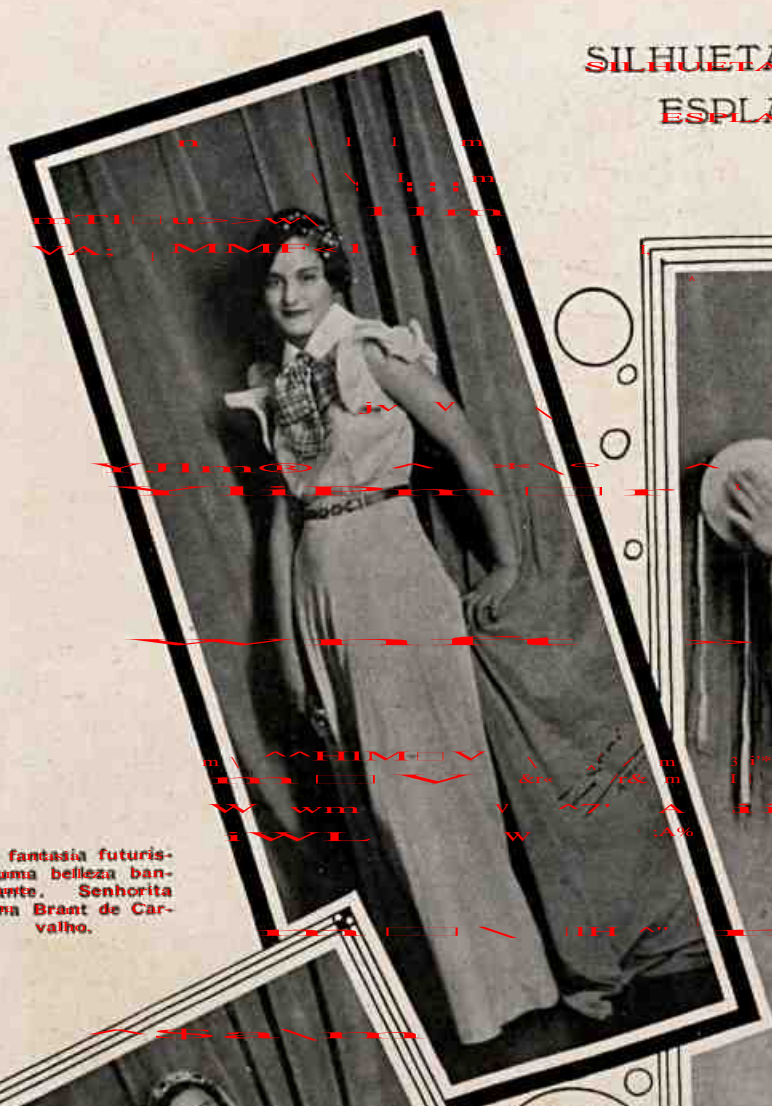
CARNAVAL PAULISTA

Senhorita Elza Ferraz, uma «russa» displicente, mas bonita...

Senhoritas Marina e Heloisa Moraes e Helena de Mello Barreto, tres «camaradinhas» que brilharam nas primeiras festas carnavalescas da Paulicéa.

Senhorita Magdalena Nogueira, que foi o «hollandez» do baile do Esplanada Hotel...

(Photos Cerri — São Paulo).

SILHUETAS DO BAILE DO ESPLANADA HOTEL

Uma fantasia futurista numa belleza bandeirante. Senhorita Helena Braat de Carvalho.

Uma «cigana» que póde «torcer» o destino de muita gente... Senhorita Odette Payares.

Senhorita Y o l a n d a Franco, a linda «princeza exótica»...

(Photos Cerri — S. Paulo).

O Carnaval carioca é, hoje, uma festa official. E, obedecendo ao protocollo, e controlado por programmas, nem assim perde a sua victoriosa dominação sobre a cidade e o seu povo. Impera, desvairado, chocalhando os seus guizos e rufando os seus pandeiros, vibrando até o desespero e o cansaço.

Eu duvido que haja um só brasileiro, de corpo e alma sãos, que resista ás investidas do Carnaval. Paixões, crueldades, injustiças, martyrios logicos e sentimentalismos mórbidos, tudo o carnaval cura com a sua therapeutica milagrosa de gargalhadas e sambas...

Procurasse um motivo de magoa, uma lagrima desconsolada, nos dias de Carnaval, e não se encontram vestigios das angustias que corroem o coração.

A historia da vida perde a sua monotonia quando Pierrot surge, empoado e fidalgo, cantando as suas canções. E Pierrot já não é aquelle paspalhão cretino dos tempos perdidos. Hoje, Pierrot é um typo refinado, manhosamente accommodado ás circumstancias do destino.

Frequenta os bailes com ares gozadores, e passa a sua Colombina aos braços de todos os Arlequins, sem ciume, nem tristeza.

A civilização é uma grande mestra de sentimentos. Ensinamos a alegria imperturbavel e perfeita, desviando-nos as preoccupações incertas do futuro. Felizmente, para honra da alegria e dos brasileiros, a civilização deu ao Carnaval, no Rio de Janeiro, o poder inquestionavel de uma felicidade allucinadora.

Toda a vida moral da nossa especie, com as suas fecundas energias e as suas dóces fraquezas, são representadas allegoricamente no Carnaval.

Sabbado gordo... Dia alvoroçado e feliz...

Levanto-me accordada por clarins vibrantissimos, que me electrizam a alma... Será verdade!... E eu não envelheço para essa loucura que ha tantos annos me atordôa!...

Abro a minha janella e deixo um raio de sol doirado invadir-me a alma...

Carnaval... Um deslumbramento... Festa de magica, festa theatral, pomposa e phantastica...

As suas consequencias são: o amôr e a ruina...

Mas estão arruinados todos os amores...

Homens conspicuos e mulheres severas tambem se arruinam no Carnaval... Vestem-se em "travestis" ridiculos, revelando as suas tendencias psychicas através dos agentes selectivos das suas preferencias.

São espantosas as revelações do Carnaval.

Perde-se a imaginação no abysmo das caricaturas que se ostentam verdadeiras, encarnadas em feitios que lhes seriam amenos para o travar acerbo da existencia.

E a vida sem o Carnaval seria um drama infinito, matando o sorriso fugitivo que ainda illumina a face da humanidade.

Carnaval officializado... Carnaval protocollado... Carnaval brasileiro... Ninguem te deturpa ou ennobrece... Tu és sempre a festa caracteristica de uma raça nervosa e inquieta, cujo privilegio de arlequinadas está no sangue e na dôce nostalgia dos seus sambas dolentes...

Carnaval brasileiro... Enche de ruidos infernaes a alma cantante deste povo generoso que a tristeza enerva o anno todo!...

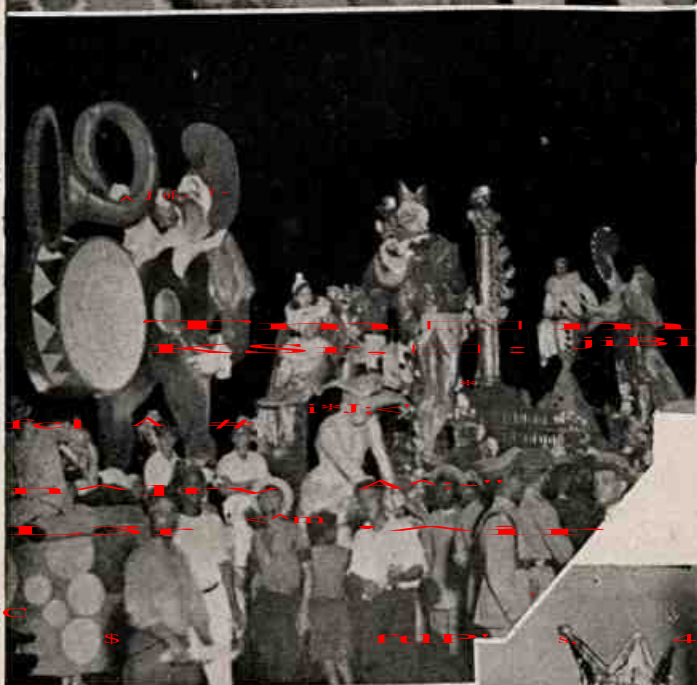
Só tu, Carnaval, és o refugio das nossas rebeldias e das nossas desventuras... E até num grito rouco, de quem repete lugubremente, como um "memento homo" — Viva o Carnaval —, todos devemos homenagear o grande rei da allucinadora felicidade, que dura setenta e duas horas sobre os trezentos e sessenta e dois dias de realidades penosas... Deixemos passar o Carnaval...

SUA MAGESTADE O REI DA FOLIA

A recepção de Momo — festa symbolica do programma official organizado pela Commissão Deliberativa do Carnaval de 1933 — realizou-se sabbado á noite, tendo sua magestade o rei da Folia desembarcado ás 21 h/as, do vapor «Mocanguê», na praça Mauá, de onde foi conduzido triumphalmente, pela avenida Rio Branco, até o Beira-Mar Casino, que offereceu um imponente baile para commemorar o acontecimento carnavalesco. Esta pagina focaliza tres aspectos da chegada de Momo, representado por uma expressiva allegoria creada pelo conhecido artista Hyppolito Collomb.

O CARNAVAL DE 1933

A Commissão organizadora dos festejos

O Carnaval de 1933 está sendo organizado, como o de 1932, por uma Commissão Deliberativa de que fazem parte os srs. drs. Lourival Fontes, presidente do Conselho Consultivo de Turismo e representante do interventor Pedro Ernesto; Octavio Guinle, presidente de

O BAILE INFANTIL NO THEATRO JOÃO CAETANO

Teve todos os encantos de uma festa de crianças o baile infantil á fantasia do programma official, realizado domingo passado, no theatro João Caetano, onde se reuniu um mundo galante de pequenos foliões, que dançaram, formaram cordões, gritaram e... receberam presentes e mimos. A nossa petizada deve estar satisfeita com a Prefeitura e o Touring Club, que lhe proporcionaram tão linda festa de Carnaval.

Touring Club do Brasil: Herbert Moses, presidente da Associação Brasileira de Imprensa; B. P. de Cerqueira Lima, superintendente do Departamento de Turismo e vice-presidente do Touring Club; Juvenal Murtinho Nobre, director do Departamento de Excursões e Festas; Luis Pereira, director-thesoureiro; e Berilo Neves, director de Publicidade, e Edgard Chagas Doria, secretario-geral do Touring Club do Brasil.

O BAILE INFANTIL NO THEATRO JOÃO CAETANO

Os garotos que ornamentam esta pagina foram dançarinos animados do grande baile infantil de domingo passado, no theatro João Caetano, e ali fizeram o que lhes permittia a «severa fiscalização...» da policia domestica, encarregada de manter a ordem dentro de um recinto cheio de pequenos «malandros perigosos» e não menos «perigosas malandrinas», todos sufficientemente disfarçados para «pintar o sete»...

OS BAILES DE SABBADO

No alto: flagrante do baile á fantasia do Club de Regatas Botafogo, que se realizou sabbado ultimo, 18 do corrente, decorrendo cheio de brilho carnavalesco e mundano.

Ao centro e em baixo: dois aspectos tomados na séde do Grajahú Tennis Club, sabbado ultimo, por occasião de seu grande baile de Carnaval, que foi uma festa linda e animada.

Decorado bizarramente para o seu grande baile de terça-feira gorda, que promette ser a festa mais imponente do ultimo dia de Momo, o Automovel Club do Brasil abriu os seus ricos salões, mais uma vez, antes do triduo delirante, e offereceu, no ultimo sabbato, uma deliciosa reunião carnavalesca aos seus associados. A nossa alta sociedade estava lá, representada pelos seus elementos de maior destaque. Dahi o esplendor mundano da linda festa organizada sob os auspicios do dr. Anysio de Sá, director social do Automovel Club.

Uma festa infantil de Carnaval que movimentou toda a petizada do elegante bairro da Tijuca foi o baile á fantasia offerecido aos pequenos adeptos de Momo pelo Tijuca Tennis Club, domingo passado. Centenas, talvez milhares de gurys fantasiados transformaram o gymnasio do Tijuca em um verdadeiro pandemónio da alegria, onde todas as raças e todos os typos, desde o «malandro» brasileiro ao «principe indiano», estavam brilhantemente representados.

Antes do concurso de «maillots» e pyjamas que movimentou esplendidamente a linda praia de Copacabana, na manhã de domingo passado, houve, ali, um banho de mar á fantasia, em que tomaram parte, exhibindo os mais interessantes «travestis»... de papel, centenas de carnavalescos... amphibios...

A manhã carnavalesca da praia de Copacabana

Concurso de «maillots» e pyjamas

Sob o esplendor de domingo ultimo, realizou-se, na praia de Copacabana, por iniciativa da Prefeitura e do Touring Club, o concurso de «maillots» e pyjamas. Foi uma linda festa mundana, na qual sobresahiram as figuras mais galantes e destacadas da alta sociedade carioca. E, assim, naquelle torvelinho de fôrmas, de plasticas encantadoras, de côres e sorrisos de reducção irresistivel, a nossa mais linda praia elegante se movimentou e brilhou, por algumas horas. Com esse concurso, que se desdobrou ainda num animado banho á fantasia, foi inaugurada a estação carnavalesca, naquelle recanto da Guanabára esplendente. São os flagrantes mais expressivos dessa reunião de banhistas, concurrentes e carnavalescos, que focalizamos nesta pagina. Nos recortes apparecem: á direita, o primeiro premio de «maillot» — senhorita Waldyr Braga; á esquerda, a detentora do primeiro premio de pyjamas, senhorita Waldina Figueiredo, que é a representante da graça, do bom gosto e da elegancia das lindas praias da ilha do Governador.

Dois aspectos da entrega dos premios do concurso de «maillots» e pyjamas realizado na praia de Copacabana e, ao centro, a commissão julgadora do brilhante certamen, composta dos srs. drs. Lourival Fontes, representante do interventor Pedro Ernesto; Octavio Guinle, presidente do Touring Club do Brasil; Herbert Moses, presidente da Associação Brasileira de Imprensa; Arnaldo Guinle, presidente do Yacth Club; Juvenal Murtinho Nobre, director de festas e excursões do Touring Club; Berilo Neves e Edgard Chagas Doria, directores do Touring Club; capitão Mario Limoeiro, presidente do Praia Club; senhorita Violeta Fabrizzi; jornalista João Guimarães, representante do «Beira Mar»; e drs. Aureliano Amaral, Waldemar Bandeira e Octavio Tavares, chronistas mundanos. No recorte: a senhorita Alice Garcia, que conquistou o segundo premio de «maillots». A entrega dos premios foi feita na séde do Praia Club, onde se reuniram, para assistil-a, além dos membros da commissão julgadora e das concorrentes premiadas, diversas pessôas gradas.

As lindas «malandrinas» e os feios «malandros» do grupo «Barraquinha do Amôr», que fizeram successo no baile á fantasia do Hotel Washington, em Copacabana, realizado na penultima quinta-feira.

FILIGRANAS

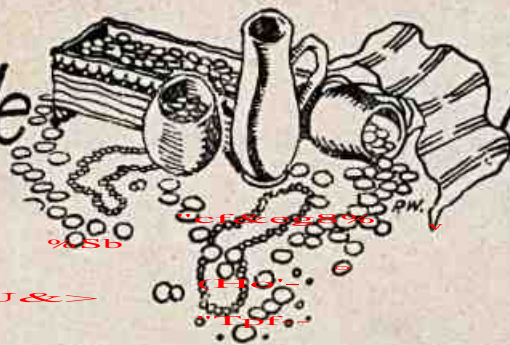
Aquella celebre definição de Renan de que uma nação é um principio espiritual vem em linha recta da phrase de Victor Hugo: un peuple est une pensée.

Já estará esse pensamento, esse principio espiritual definitivamente formado no Brasil? A prudencia manda confessar que ainda não, pelo menos de todo ainda não.

E é talvez dessa falta que se origine a maior parte dos males que nos affligem.

Si á frente do paiz, depois do imperio, tivessemos tido verdadeiros estadistas e não politicos profissionaes, já se teria cuidado de fomentar no povo brasileiro a integralização desse principio sem o que elle não attingirá seu pleno desenvolvimento.

Maria-Henriqueta, galante filhinha do casal Ernesto Pires de Lima-d. Natzikaa Cerqueira Lima, reuniu, sabbado passado, na elegante vivenda de seus paes, á rua Senador Muniz Freire, 29, todas, ou quasi todas as suas amiguinhas... e amiguinhos para festejar, numa reunião infantil de encantadora belleza, o seu anniversario natalicio, que passou naquella data entre as innumeras alegrias dos que lhe querem bem. Maria-Henriqueta, que fez dez annos, recebeu muitos presentes e mimos e ficou radiante com o exito de sua festa.

Caverna de Ali Babá

AMORES DA VELHA GUARDA

Amor e fome — os dois pólos da vida. O amor é o pólo espiritual e o seu raio de acção supera o outro. Toda a existencia humana quasi se resume nelle e dahi o carinho com que encaramos e tratamos tudo o que lhe diz respeito. Quando o amor nivela, no sentimento e no soffrimento, o rei e o pastor, a imperatriz e a mulher do povo, então o vemos com os olhos cheios de agua e o coração emocionado. Todo o romantismo de nossas almas desperta se esses amores se esfumam nas perspectivas do passado.

Eis o encanto com que nos prende e suggestiona o novo livro de Alcibiades Delamare — Amores da Velha Guarda. São paginas de evocação historica, lavradas com arte e sentimento proprio, em que desfilam deante de nós as figuras impressionantes do conde de Fersen, Maria Antonietta, Christina da Suecia, Josephina de Beauharnais, Maria Luiza da Austria, Hortencia, o duque de Reichstadt, Napoleão, George Sand, Madame Récamier, Wagner e Chopin, aureolados pelo Amor.

O escriptor Alcibiades Delamare, cujo ultimo livro «Amores da Velha Guarda» está tendo magnifico exito.

Escudado em rica e preciosa bibliographia, Alcibiades Delamare traçou com grande habilidade a silhueta de cada um desses personagens do drama historico da humanidade. Alguns dos seus retratos são lapidares. Com um senso muito pessoal, digno de nota, sabe vêr e sabe contar o que viu nas laudas dos volumes consultados. E' um livro, por isso e por tudo o mais, que prende o leitor e o obriga a seguir com o maior interesse o fio da vida dos seus heróes e de suas heroinas.

Seu papel de historiador está delimitado pelos canones traçados numa carta do grande Leão XIII: não ousar mentir, não receiar a verdade, não se prestar á lisonja ou á animosidade. E dentro delle o escriptor fez um dos bellos livros do anno.

SÉSAMO

ROMANCE DE NÓS TODOS...

(PARA MARTINS CAPISTRANO

— Quem és tu, dominó de preto e branco?
— Quem és tu, mulsumana dos meus sonhos?
— Deixa que eu veja os labios teus risonhos!
— Mostra, por Deus, o teu sorriso franco!

— Levanta, do teu rosto, n'um arranco,
A mascara de negros tons, medonhos!
— Solta os teus olhos verdes e tristonhos;
Basta o crépe onde a minha dôr estanco!

— E a loucura morreu... Cinzas e pó...
— Que é dessa mulsumana, dominó,
Que te enganou o carnaval inteiro?

Tambem ficára um coração desfeito,
Perguntando a si mesmo o que era feito
D'aquelle dominó, seu companheiro!...

Carnaval de 1933.

MURILLO FONTES

CARNAVAL DE NICTHEROY

Os «Filhos da Candinha» — grupo carnavalesco formado de elementos de destaque na sociedade de Nictheroy — promoveram, quarta-feira penultima, nos salões do Automovel Club, da vizinha capital, animada e ruidosa mascarada, a que denominaram «Baile do Momo», e que foi, realmente, uma festa digna do paiz do samba...

ANGUSTIA

Sou infeliz porque os homens me querem. Não sei que encanto encontram na minha figura esguia, no meu rosto pallido de monja da dôr... Meus olhos, que attracção poderosa terão estes meus olhos côr de folha morta, cercados do roxo das noites de vigilia?

Acham-me seductora nos proprios mysterios que me cercam, e amam-me. Mas não sabem que o seu amôr vem para mim como um triste legado de angustia e soffrimento... Não sabem que me dão lagrimas nos seus sorrisos, gottas de fêl nas suas palavras de amôr.

Quizéra eu ser ignorada como a mimosa sensitiva, escondendo a olhos estranhos a sua doce fragrancia. Quizéra ser amada por um homem só. Um homem que me collocasse acima de tudo e de todos, fazendo do seu amôr idolatria pagã.

Mas eu trago em mim a triste sina da fascinação. Quando me recolho, feliz, sob a aza avelludada do doce amôr, mil olhos cubiçosos se cravam na minha ventura e mil bôccas sequiosas se estendem ao meu beijo... E, no lutuoso emmaranhado de mil intrigas, conseguem a minha quéda e a minha desventura...

Oh! homens que me quereis, piedade! Deixae-me viver feliz com o meu amôr! Deixae-me viver sómente para o meu amôr!

Mas elles, cheios de desejos, não me attendem nunca... Cravo, então, desesperada, as unhas na maciez da minha carne, dilacerando-a sem piedade, arranhando-a sem dó, como para castigal-a de

(Conclúe na pag. seguinte)

FELIPPE DE OLIVEIRA

Felippe de Oliveira, que um desastre brutal, de automovel roubou, em Paris, ás letras brasileiras, era uma individualidade scintillante de poeta e prosador. Emotivo, estheta de gostos requintados, intelligencia possante, o autor de «Vida Extincta» foi uma das figuras mais brilhantes que, ao tempo de Mario Pederneiras, fizeram parte da redacção do FON-FON. A sua arte era nobre e elegante. Rica de harmonia, quasi sempre ennevoada de melancolia, nella predominavam as côres suaves, os dermaios, as ternuras, os rendilhamentos dourados de rentimento e fidalguia espiritual. Felippe de Oliveira nasceu em Santa Maria, Rio Grande do Sul, em 1891 e brilhou, com relevo e magnificencia, na geração intellectual de 1911. Publicou em 1927 um poema de fundo modernista, intitulado «Lanterna Verde», o qual foi recebido com louvores pela critica. Pessoalmente, era um «gentleman», em quem se reuniam o homem ardoroso e audaz, de acção prompta e decisiva, e o cavalheiro captivante.

Antes de deixar esta capital, com destino a Buenos-Aires, em proseguimento de seu vôo transatlantico, o aviador capitão J. A. Mollison foi aqui homenageado pela colonia britannica, que lhe offereceu um almoço de despedida, no Automovel Club, e pela Aviação Militar Brasileira, que promoveu, no Palace Hotel, um «cock-tail» em honra do victorioso «az» da aviação ingleza. O nosso «clichê» focaliza Mollison entre os seus compatriotas residentes no Rio de Janeiro e entre os seus collegas brasileiros, no Automovel Club e no Palace Hotel, respectivamente.

Os novos aviadores da Escola de Aviação Naval receberam o «brevet» de pilotos em brilhante solennidade, que se realizou sabbado á tarde, na séde daquelle estabelecimento. Altas patentes da Armada e outras autoridades, civis e militares, entre ellas os ministros Protogenes Guimarães e José Americo e o general Góes Monteiro, além de muitas familias, compareceram á Escola de Aviação Naval para assistir a essa festa, que constou de um almoço, offerecido pelo almirante Adalberto Nunes, director da Aeronautica, ao ministro da Marinha, da cerimonia da entrega de «brevets», de uma tarde de aviação, com evoluções aereas pelos novos «brevetados», e de um chá-dançante no salão nobre da Escola.

ANGUSTIA

(Conclusão)

ser assim fascinadora e impetuosa.

E o sangue jórra, vermelho, ardente, como o baptismo estranho da minha dôr... Exhausta, chôro, então, amargamente, a desventura de ter nascido formosa. Deus, por que não me fizeste graciosa apenas, destinada a fazer a felicidade de um homem só, honrado e carinhoso?

Por que não me fizeste humilde e casta como a sensitiva e me déste a belleza ardente de uma Victória-Régia soberba, que todos querem colher e aspirar?...

Lucia de Moraes

Um aspecto do acto inaugural da «Radio Officina», que a firma Barbedo & Fournier acaba de installar á rua do Rosario, 96 e 98-sobrado.

PAULO DE FRONTIN

COM o fallecimento, a semana passada, do venerando patricio, dr. André Gustavo Paulo de Frontin, perdeu o paiz um dos vultos mais representativos da sua vida publica. Na administração, na politica e no alto magisterio nacional, onde quer que elle tenha exercido sua fecunda actividade e sua extraordinaria capacidade de trabalho, Paulo de Frontin sempre se soube impôr e recommendar á sympathia e á admiração publicas. Como engenheiro notavel, como parlamentar, como administrador, o paiz e, especialmente, o Districto Federal devem-lhe serviços inestimaveis. Professor da Escola Polytechnica, de que foi director durante longos annos, sua passagem pelo magistorio desse importante instituto de ensino superior foi das mais brilhantes e das mais efficientes para a formação da nossa mocidade. Por todos esse titulos, a veneranda figura, que vem de desapparecer do scenario da actividade brasileira, de que foi ingente elemento de propulsão, se fez credora da estima e admiração dos seus patricios. A noticia do seu fallecimento foi, por isso mesmo, recebida com geral consternação e bem tocantes e commovedoras as homenagens de saudade que lhe foram prestadas nesta capital. Nesta pagina estampamos a ultima photographia do notavel brasileiro, uma outra em que elle apparece rodeado de seus encantadores netinhos e um aspecto do seu enterro, que teve enorme acompanhamento.

GORILA

CRUZ FILHO é, sem favor, um dos maiores poetas cearenses contemporaneos. Cinzelador admiravel do verso, o poeta de Poemas dos Bellos Dias não é um desconhecido nos circulos literarios desta metropole. A nossa critica sobre elle já se manifestou, fazendo-lhe referencias honrosissimas. A harmonia de sua arte, de rythmos largos e serenos, não enquadrará, talvez, Cruz Filho entre os poetas futuristas. E, com isso, só elle terá lucrado. Elle e a poesia brasileira. Estampamos nesta pagina um lindo soneto do illustre poeta cearense, escripto especialmente para Fon-Fon.

(Sôbre o grupo do esculptor E. Fremiet)

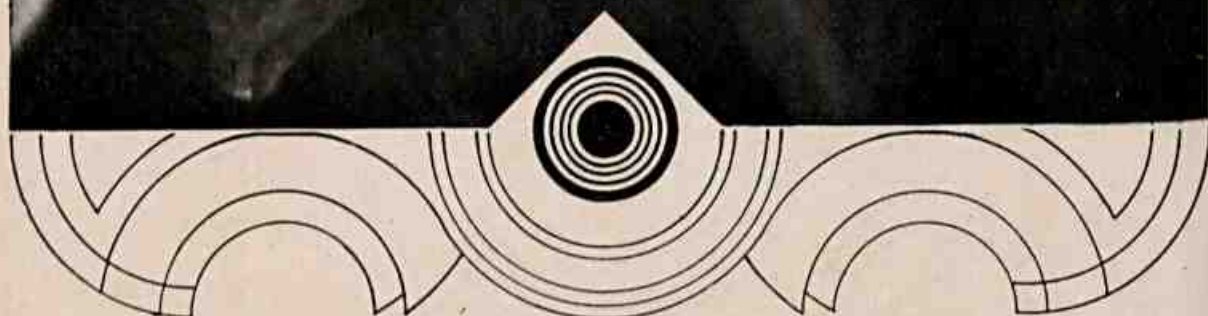
A posse da mulher, cuja belleza o enleva,
Em plena idade pétrea, induziu-o á aventura,
E o gorila feroz, de horrenda catadura,
Pé ante pé, espreita a caverna primeva.

Mas o homem, sempre alerta ante a fauna coéva,
Do sinistro rival defendêl-a procura,
E o arco retéso expede, em manobra segura,
A setta que, silvando, á ponta a morte leva.

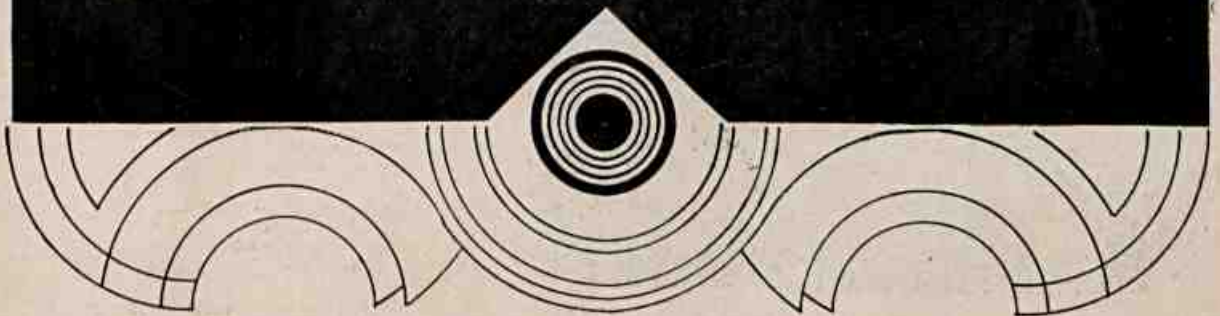
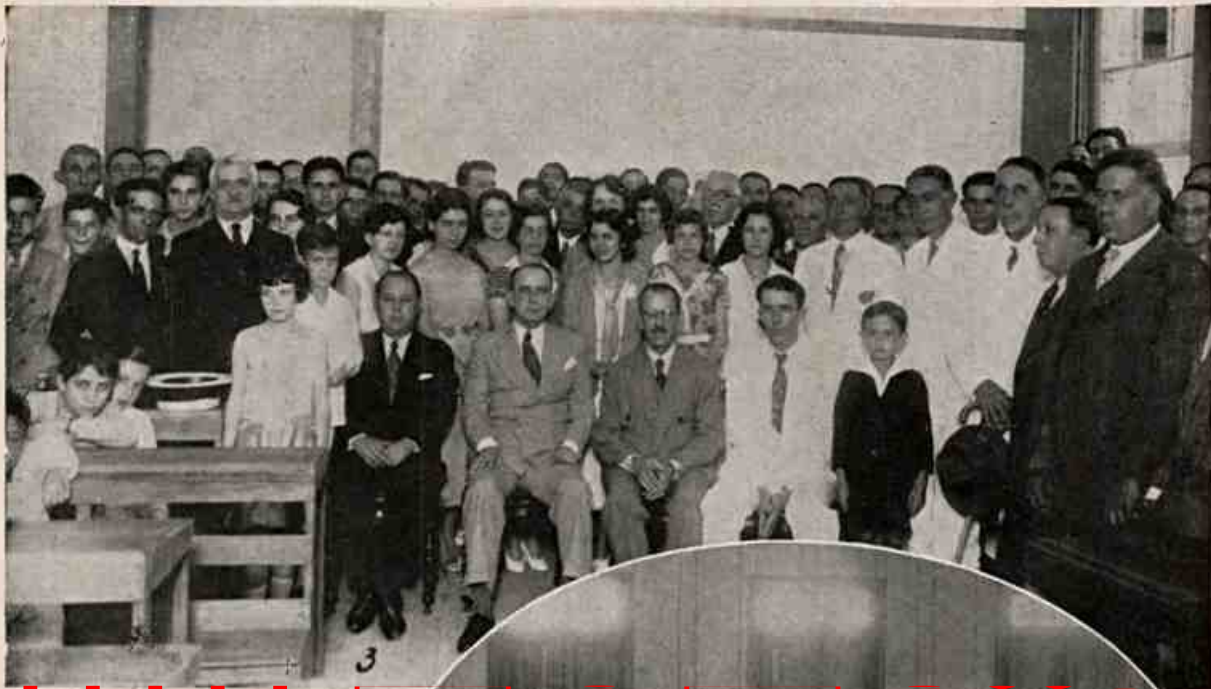
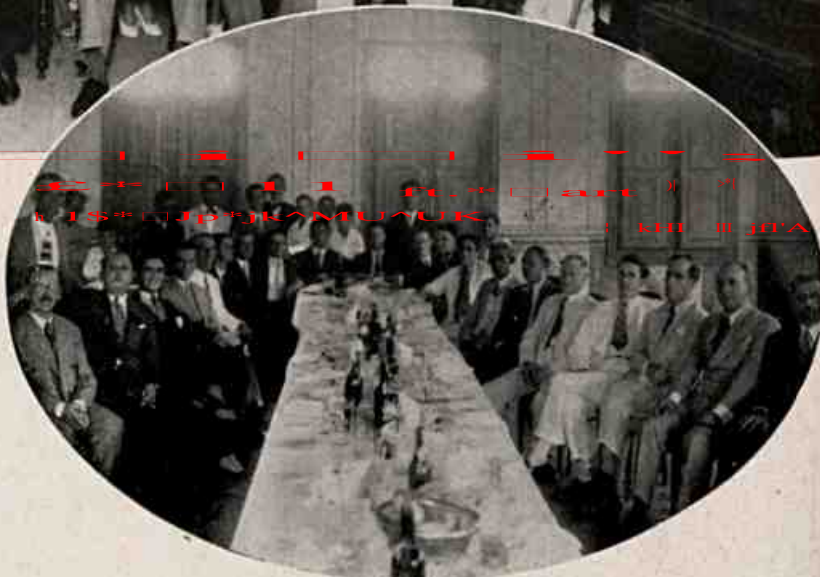
E o monstro malferido, a jorrar sangue o flanco,
Sobre o formoso sêr se atira, de surpreza,
E com um calhau á mão, galga a escarpa do barranco.

A vida se lhe esvae da ferida entreaberta...
E elle foge, a estreitar a cobiçada presa,
Num rugido de amor, pela terra deserta...

CRUZ FILHO

A MULHER CHIC

Velours beige piqué marron garni d'une cocarde de gros grain marron rouge.

(Photos da Casa Jean Patou, especiaes para FON-FON).

creações JEAN PATOU

Velours marron garni d'un noeud de plumes.

No dia 20 de janeiro foi inaugurado o Gymnasio Municipal de Barra Mansa, velha aspiração desse municipio fluminense, hoje efficientemente administrado pelo dr. Isimbardo Peixoto, que, como prefeito, lhe vem introduzindo innumeros melhoramentos. Em cima, vê-se um grupo tomado após a inauguração, registrando-se entre as pessôas gradas presentes: o prefeito, o dr. Acacio Aragão, juiz de direito; o dr. Dario Aragão, presidente do Conselho Consultivo local, e o professor Corrêa Pinto, director do Gymnasio. Em baixo: aspecto do almoço commemorativo do grande melhoramento.

O HOMEM VALENTE

O homem valente é tão docil quanto magnanimo. Não se aproveitará de nenhum de seus inimigos em condição desfavoravel. Terá piedade de um homem cahido, incapaz de se defender. Nas lutas mais encarniçadas, têm-se visto desses exemplos de generosidade. Assim, na batalha de Dettinguen, no maior ardor da peleja, um esquadrão da cavallaria franceza carregou contra um regimento inglez. No momento, porém, em que o joven commandante francez ia atacar o chefe inglez, percebeu que este ultimo só possuia um braço, com que segurava as rédeas de seu cavallo. Então, o francez saudou cortezmente o seu adversario, com a espada, e passou adeante.

SAMUEL SMILES

«FON-FON» EM SÃO PAULO

A... E... I... O... U... Y... Seis futuras professoras da Escola Normal de São Carlos, Estado de São Paulo. São ellas as senhoritas Olga, Stella, Alice, Noemia, Carminha e Maria.

NO ANNIVERSARIO DO

Raul de Azevedo

até
que, chegando a Juiz de Fóra,
exclamaste sem demora
o Cheguei, vi e venci.

Venho, cheio de alegria,
um grande abraço trazer,
porque acabo de saber
que o dia tres é o teu dia.

Um anno mais... Que tem isso
para ti, que descobriste
o milagroso feitiço
de ser moço e não ser triste!

Que os annos venham, varrendo
a terra de norte a sul
e, de pé — caso estupendo!
has de tu ficar, Raul!

Juiz de Fóra, 3 de fevereiro, 1933.

BELMIRO BRAGA

FON-FON no cinema

HOMBROS ALVOS

(WHITE SHOULDERS)

Uma super-producção da
RADIO PICTURES

COM

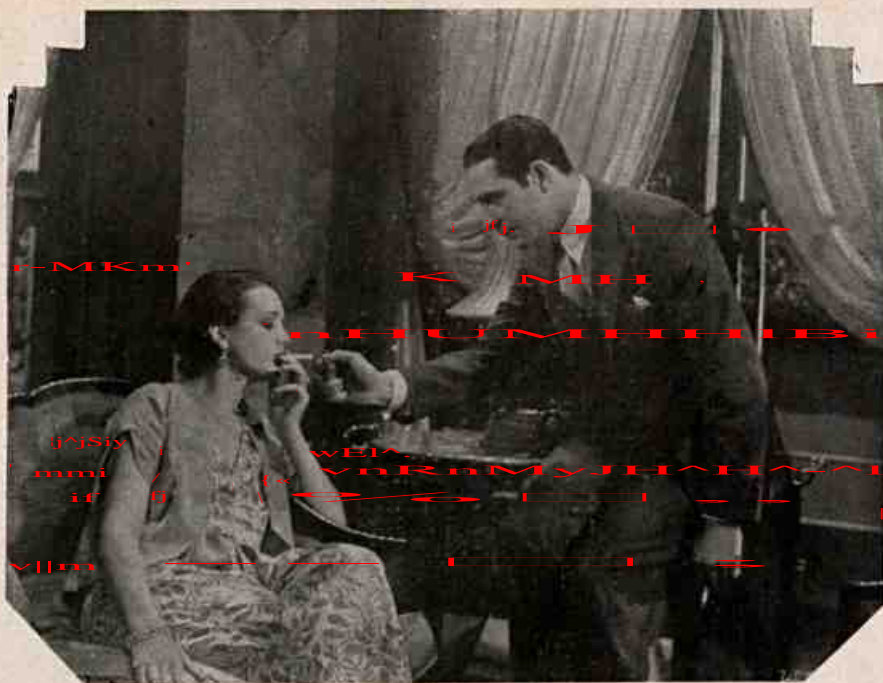
MARY ASTOR,
JACK HOLT E
RICARDO CORTEZ

O marido amava-a com sinceridade e paixão.

O seu coração começava a hesitar.

POR uma dessas originalidades, proprias dos homens caprichosos e cheios de dinheiro, acostumados a terem tudo a seus pés a um simples gesto seu, foi que Gordon Kent esposou a linda Norma Selbe, corista de theatro. Com a rapidez com que se effectuou o casamento, não se podia dizer que Norma o amava, mas pelo menos se admitte que já o apreciava, faltando pouco para chegar a amál-o devéras. Não comprehendendo as subtilezas do coração feminino, Kent desdobrava-se em attenções para a joven esposa, na ansia de conquistál-a por inteiro, não se conformando com a classica sentença de "dar tempo ao tempo". O resultado é que se tornou um grande e ardente apaixonado, ao passo que Norma... se sentia infeliz, embora procurasse honestamente conciliar a situação.

Em Biarritz, encontrou o casal um velho

As palavras seductoras do «outro».

As novidades do seductor.

amigo, Lawrence Marchmont. Por coincidencia, Lawrence era um eximio professor em conquistas femininas e dahi se conclúe que Norma tinha que ser uma de suas presas, talvez mesmo por culpa della. Uma noite, em que o marido, innocentemente, se multiplicava em attenções para com a esposa, esta, num incontido accesso de desespero, explodiu contra o "pobre" homem e disse-lhe "as ultimas", fazendo-lhe sentir a tortura daquella vida de hypocrisia e ainda que todo o esforço em fazêl-a sua amante seria inutil, pois nunca o quizéra e não havia de desejál-o. Com estas palavras, Norma retirou-se para o seu quarto, emquanto o atonito esposo forçava a porta...

No dia seguinte, Norma fugia com o elegante Marchmont, e Kent procurou seguir-lhes a pista acompanhando-os, não para separál-os mas para advertil-os de que, si, algum dia, procurassem seguir caminhos differentes, elle os faria parar na cadeia! Falou-lhes, então, que estava se munindo de dados precisos a respeito da vida anterior de ambos, especialmente de Marchmont. Que Norma não era sua esposa, e sim de um Jim Selbe, um pequeno actor e ladrão, de quem ella desistira de divorciar-se. Norma diz que é divorciada, pois déra a Selbe o dinheiro para tal. Mas é evidente que elle, o antigo marido, não utilizára o dinheiro para o fim a que se destinava.

Kent apresenta, então Marchmont com o seu verdadeiro nome, o qual é Tommy Pierce, estellionatario e ladrão de mulheres.

Expõe, então, aos culpados, que, emquanto viverem juntos, estarão livres da cadeia, o que não aconteceria no proprio instante em que procurassem se afastar um do outro. Um detective seria a sombra do novo casal. Com isto, Kent retira-se e deixa-os.

Em pouco tempo, Norma se convence da verdade a respeito de Lawrence e a união forçada a que estavam sujeitos os amantes tornava-se cada vez mais intoleravel para ella. De uma feita, Lawrence procurou fugir com as joias de Norma, mas um dos homens de Kent o impediu.

Finalmente, o infortunado casal de amantes regressa a Nova-York e ahi o marido de Norma, Jim Selbe, surge em scena. O malvado vinha reclamar os seus antigos direitos, si não na pessôa de Norma, pelo menos nas suas restantes joias. Na luta que enfrentou, para se apoderar dellas, é ferido mortalmente por Lawrence, que por isto é preso.

Aqui encontramos, então, a justificativa de um proverbio — Agua molle... E' que o homem que em verdade amava aquella mulher vem á sua procura e, depois de muitos protestos de estima e outras phrases bonitas, consegue vencer a resistencia da moça, que se torna, então, uma esposa como poucas.

Aquillo não era felicidade.

Seara alheia

Personalidade

A personalidade é uma maneira de ser dentro da qual se affirmam a cerebração e a sensibilidade de cada um.

Ha tres classes differentes de personalidade.

A que se possúe naturalmente;

A que se creou artificialmente;

A que se desenvolve por si mesma.

Esta ultima é a unica realmente estimavel e digna de ser cultivada.

E', alem disso, a unica que se deverá manter, porque é indispensavel.

A personalidade natural compõe-se de inclinações louvaveis ou execraveis que a Natureza accumulou dentro de nós como residuos de um atavismo mais ou menos remoto.

E', pois, semelhante ao instincto e á intuição reunidos.

Ao instincto, porque contem tendencias existentes fóra de nossa vontade.

A' intuição, porque faz surgirem das trevas as almas e as idéas a meúdo incompativeis com a educação, o meio e os costumes que constituem o ambiente em que se agitam.

A personalidade natural muito accusada constitue excepção.

Afora algumas tendencias mais ou menos claramente evidenciadas, os caracteres multiplos são elementos que oscillam entre dois polos:

O do Bem.

O do Mal.

Ha seres que mostram preferencia pelas acções nobres.

Outros se comprazem em obras de maldade e de perfidia.

Ha apostolos do Bem.

Ha apostolos do Mal.

Uns e outros attingem raramente o objectivo de sua missão e seus actos, na maioria das vezes, não passam de fantasmas de intenções que, pela sua fragilidade, não chegam a tomar corpo.

Não tem sufficiente vontade para fazer o Bem. Faltam-lhes energia para servir ao Mal.

Não são nem anjos nem reprobos: são mediocres e constituem a immensa avalanche dos que agem sob os impulsos e exigencias da sua personalidade natural — YORITOMO TASHI.

ESTRANHA FECUNDIDADE

O chefe dr. Aggrupino Grumide andava positivamente assombrado. De 15 em 15 dias, de 8 em 8, vinha a sua presença aquelle homem feio, seu subordinado, pedir-lhe dispensa do serviço da repartição, dando como unico pretexto o nascimento de um filho.

— Dr. Grumide, dizia-lhe, minha mulher hoje teve creança; o sr. me dispensa do resto do expediente?

— Pois não; póde retirar-se.

Passados dias, lá vinha o homem:

— Dr. Grumide, minha mulher teve menino; permitte que eu me retire?

— Pois não.

Sempre o mesmo pedido de dispensa e como unico pretexto a estranha fecundidade da mulher!

Muito impressionado, o dr. Grumide foi a um luminar da medicina, o dr. Fernando de Magalhães, pedir explicação do estranho phenomeno.

— Dr. Magalhães, indagou, uma mulher póde dar á luz de 15 em 15 dias, de 8 em 8?

— Não, senhor; poderá ter até 12 creanças, porém todas no mesmo dia.

Sem mais explicações, retirou-se o dr. Grumide.

Ao dia seguinte, ao chegar á repartição, chamou á sua presença seu subordinado.

— Sr. Fulano, disse-lhe, o sr. anda me enganando.

— Eu? doutor?!...

— Sim; consultei um especialista, o dr. Fernando de Magalhães, sobre sua mulher e disso fiquei convencido.

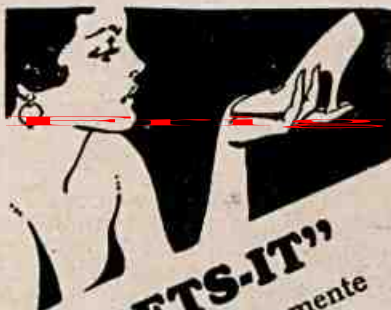
— Não percebo, doutor; de que se trata?

— O senhor, invocando o pretexto do nascimento de filhos, pedia em prazos muito curtos para retirar-se.

— E não mentia, doutor.

— Não comprehendo; explique-se.

— Eram filhos realmente, porém de varias clientes; minha mulher é parteira...

LEOPOLDO D. AMARAL

LEIAM

os romances de *Fon-Fon*, variadissimas collecções do grande escriptor francez Michel Zévaco, pois encontrareis á venda na *Empresa Fon-Fon* e *Selecta S. A.* á Rua Republica do Perú, 62 (antiga da Assembléa) — Rio.

Escriptores e livros

FELIPPE DE OLIVEIRA

A morte surprehendeu Felippe de Oliveira, em Paris, em plena mocidade, no maravilhoso esplendor do seu espirito. Victima de um desastre de automovel, Felippe desappareceu do nosso convivio amavel, para sempre, deixando em cada coração amigo um traço de dolorosa saudade. São as surpresas do destino, surpresas de todos os dias, desconcertantes, porque amargam aos que ficam sem comprehender nada da vida, deante da sua brutalidade. Foi nesta casa que Felippe surgiu victorioso no campo razo das letras, impondo-se pela originalidade do seu modo de poetar, captivando pela educação, como perfeito "gentleman" que era. FON-FON tem o orgulho de ser, no Brasil, um viveiro das mais bellas expressões literarias da nossa lingua. Aqui, a intelligencia tropical brasileira tem mantido a sua esplendida floração, numa incessante renovação de valores. Quem quizer fazer a historia da literatura do Brasil, nestes ultimos trinta annos, tem de consultar as paginas de FON-FON, paginas que abrigam a manifestação da nossa cultura, no que tem de melhor.

Felippe aqui tambem lançou a sua conquista victoriosa nas letras, ao lado de Mario Pedermeiras, Lima Campos, Homero Prates, Alvaro Moreyra, Hermes Fontes, Rodrigo Octavio Filho, e tantos outros.

Esta casa guarda um pouco do scintillante espirito de Felippe de Oliveira, o poeta typico de "Lanterna verde", livro de rara delicadeza, cuja leitura provoca sempre enthusiasmo aos espiritos de solida cultura. FON-FON, nas suas paginas alegres, abre um parenthesis de tristeza para cultuar a memoria de Felippe de Oliveira, lamentando o prematuro desapparecimento do amigo bonissimo e do escriptor fidalgo por temperamento.

Mme. Bet — CONCEITOS SOBRE A MULHER — Rio — 1933

ESTE livrinho tem um *Prologo*, que assim começa: "Escrevendo as presentes considerações, em torno da questão matrimonial, não tenho por objectivo a producção de uma obra literaria. Tão pouco, leva-me o desejo de sahir do ambito restricto da minha desvalia.

"O motivo que me impulsiona na confecção deste trabalho, acima de meus recursos intellectuaes, consiste no desejo sincero de expender alguns conceitos e transmittir alguns pontos de vista ás minhas companheiras de sexo.

"A minha pretenção só é desculpavel, no momento presente, quando se discute com a maior amplitude os direitos e reivindicações femininas, que poderão vir dar, futuramente, uma feição nova á familia brasileira, etc..."

Muito bem. A respeito da autora deste trabalho, já corre uma lenda... Dizem tratar-se de uma dama da alta sociedade, muito festejada pelos dotes de espirito.

Temos, entretanto, a nossa duvida.

A linguagem e os conceitos expendidos indicam o verdadeiro sexo de quem se esconde sob a capa de *Mme. Bet*. E o motivo que impulsionou a confecção do livrinho está claro, tambem. Depois de explorar varios themas sentimentaes, *Mme. Bet* chega ao ponto visado: o divorcio. "E' opportuno tratar do assumpto quando estamos na imminencia de uma transformação legislativa, que talvez faça apparecer o divorcio no Brasil", escreve a autora. Ahi está... A transformação legislativa virá, e com ella o divorcio.

Não ha *talvez*; é certo, certissimo, positivo.

Porém, *Mme. Bet* quer a permanencia do caracter patriarchal da familia brasileira, e acha que a situação da mulher divorciada é sempre equivoca. Com taes conceitos, percebe-se que o livrinho foi feito com o proposito de combater moinhos de vento... Deliciosa ingenuidade!

J. Tupi Caldas — NOÇÕES DE CIENCIAS FISICAS E NATURAIS — Liv. Globo — Porto Alegre — 5$

UM trabalho magnifico, vasado em linguagem accessivel e simples, destinado aos alumnos da 2.ª série gymnasial. O methodo de perguntas e respostas, adoptado pelo autor, muito facilita o estudo da materia.

Jayme Adour da Camara — OROPA, FRANÇA E BAHIA — Comp. Editora Nacional — São Paulo — 5$

O titulo deste livro é um tanto extravagante, porém elle vem do cancioneiro popular:

Eu entrei de mar a dentro
E fiz tanta estrepolia
Que o reis mandou me chamá
P'ra casá com sua fia.
O dote que ele me dava:
Oropa, França e Bahia.

Eu fui e lhe respondi
Que era pouco e não servia.

O autor entrou mar a dentro e resolveu escrever as impressões da viagem; mas a Bahia foi totalmente esquecida... São coisas da *Oropa*, vista por um prisma mais ou menos original. A imagem e o commentario. Scenas vividas, algumas fixadas com propriedade, outras um tanto desfiguradas.

Era de prever que assim fôsse, pois quem escreve rapidamente impressões de viagens claudica, fatalmente, com a verdade.

O autor tem a preoccupação de ser original; por isso, escreve barbaridades como esta: *o navio estopa.*

O vocabulo *estopa*, empregado no sentido de p a r a d a, *parar*, como oriundo de *stop*, palavra ingleza, não se justifica, pois a nossa lingua é a mais rica do mundo, dispensando importações exdruxulas. O autor escreve tambem: um *buque* lutando contra as ondas. Por que *buque*?! Acaso a palavra empresta elegancia á phrase? Taes extravagancias concorrem apenas para enfeiar o livro, aliás, interessante, porque o escriptor é intelligente, sabe conduzir o leitor encantando através de todas as suas paginas.

O reparo que fazemos não desmerece o valor da obra de um espirito que revela cultura, podendo facilmente impôr-se no nosso meio literario.

Padre Max Schneller — EPITOME DE HISTORIA DA CIVILIZAÇÃO — Liv. Globo — Porto Alegre — 5$

TRATA-SE de um trabalho destinado aos estudantes do 3.º anno gymnasial, organizado de accôrdo com o programma official de ensino, cuja leitura impressiona bem.

J. Pinto Antunes — RACIOCRACIA — São Paulo — 1933

O autor deste ensaio é um espirito claro, arejado, synthetico. Sabe expôr as idéas com precisão mathematica, e, por isso, quasi adquire em cada leitor um adepto. Existe uma fórma scientifica de governo, fórma nova, racional, que dominará os povos fortes? Parece... O autor, porém, no seu enthusiasmo pela *solução fascista*, vae ao ponto de negar, por nocivas, quaesquer outras *soluções*, até mesmo aquella que repousa nas idéas socialistas. E' ir muito longe, quando o socialismo tende a empolgar os estadistas mais cultos, quando muita gente pensa salvar o Brasil proclamando a nossa Republica socialista. Não dispomos, infelizmente, de espaço, para contradictar neste ponto o autor, nem esta secção comporta analyses de maior monta, que a de um simples registro de obras. Basta reconhecer o valor do trabalho e o merito do autor.

Recommendamos até o livro como necessario aos espiritos interessados no estudo da sociologia moderna.

Para orientação dos leitores reproduzimos a *conclusão* do ensaio do sr. Pinto Antunes:

"Ahi está, em cada paragrapho, a mesma conclusão: o regimen democratico não está em crise; os erros technicos são as causas da crise da democracia. A democracia não falliu, mas se modificou ás exigencias da realidade. *La legge di ogni progresso sociale stá nel conservare ció vi é de vitale e nel trasformare ció che vi é di sorpassatto e morto.* (Enr. Ferri). E é sob a inspiração da sciencia do direito que se organizou a fórma definitiva de governo, provada pela observação e confirmada pela experiencia: *A democracia juridica, raciocracia ou estado de direito.* A crise da sociedade moderna só se resolve com a acção solidaria e continua do Direito, da Economia e da Moral. E' impossivel fixar um limite preciso á actividade do Estado. Em todos os dominios da vida collectiva elle tem uma funcção propria, mais ou menos extensa, conforme as circumstancias. Não ha direito contra o Estado, porque o Estado é de direito e não ha direito contra o direito. E o Estado deve ter o poder imminente sobre todas as forças existentes no paiz, para ordenál-as, emquadrál-as, dirigil-as todas e solidarias aos fins superiores da vida nacional. E' a concepção do Estado Unitario."

Muito bem. Resta apenas apparecer o Mussolini nacional.

Notas de Arte

THEATRO E RELIGIÃO. — Através de mil vicissitudes, no meio das tormentas que o egoismo desenfreado provoca e alimenta nos individuos e nos povos, apesar de todos os flagellos da guerra, da miseria e da molestia, o que nos revela a visão panoramica do mundo no tempo e no espaço, é a marcha ascencional da especie humana para uma época de paz e de fraternidade, para uma situação de congraçamento universal, onde reine a harmonia individual e collectiva, em que cada um vivendo para todos, todos vivam para cada um; para um estado de plena unidade um verdadeiro estado religioso, mas de uma religião sem mysterios e sem absurdos, sem deuses e sem Deus, a religião do Amor e do Dever, da Arte e da Sciencia, da Familia, da Patria e da Humanidade.

Nesse estado ideal, em que se terá realizado a felicidade — a felicidade relativa como tudo o mais — a arte encontrará inesgotavel manancial de novas inspirações, e produzirá incomparaveis poemas plasticos e sonoros. As festas sociolatricas, em que se cultuará a Terra e o Homem, em que se celebrará a Humanidade sob todos os seus aspectos, totalmente liberta dos seus tutores ficticios, como creadora e não creatura dos deuses, serão espectaculos de esplendor sem par para a sensibilidade regenerada do futuro, que farão esquecer as representações theatraes dos dias de hoje. Os theatros serão os templos.

Não é chimera de sonhador, mas utopia de sociologo, a previsão do advento fatal desses felizes tempos.

Então haverá cessado o clamor contra o Theatro em nome da religião, e contra a Religião em nome do Theatro, porque o Theatro entrará na Religião.

Mais uma vez verificar-se-á a lei sociologica de que a plenitude religiosa exclue a separação entre o palco e o templo.

Quando no seu apogeu o culto dos deuses, as festas theolatricas, suppriram as representações. Surgiram estas desde que o polytheismo começou a declinar. Sabe-se desde Aristoteles (*Poetica*, c. IV, § 12) que a tragedia e a comedia nasceram, entre os gregos, respectivamente dos poemas dithy-

A filha do "boxeur". — Escuta, querido que farias si papae chegasse agora?

O joven. — Pobre diabo! Fal-o-ia passar um mau quarto de hora...

CRIANÇA

ELLA voltara tarde do Campo Santo. Fôra visitar o tumulo do filhinho que perdêra. Trazia o coração cortado pela dôr... Era noite. Andava lá fóra, entre as palmeiras do jardim banhadas pelo luar crescente, o soluçar tristissimo do vento. Ferida por aquella dôr atróz, passava a noite insomne.

A filhinha estava no leito esmaltado, sob o cortinado rosa, com a cabeça loura perdida entre as brancas rendas da almofada, olhando-a com os grandes olhos vivos... E ella, ajoelhada ao pé da cama, com as lagrimas a rodar-lhe pelo rosto macerado, chorava em silencio. Vendo

iambicos e phallicos cantados em honra de Baccho, durante as festas desse deus: *as grandes* e *as pequenas dionysinas*.

Quando predominou o monotheismo christão, em plena idade-média, as cerimonias do novo culto substituiram o theatro, acerbamente condemnado pelos doutores da Igreja de S. Paulo.

Mas então os templos eram = theatros. Com os officios divinos representavam-se os *dramas lithurgicos*, cujos assumptos eram episodios da vida do fundador lendario do Catholicismo, taes a Natividade, a Paixão, a Resurreição.

Ao declinar do regimen medievo no fim do seculo XII, surgiram os *milagres* — dramas leigos sobre assumptos religiosos, que se representavam não mais nos santuarios mas á porta das igrejas. Era o principio da differenciação do templo e do theatro.

Dois seculos depois estava consumada essa differenciação com os *mysterios*, representados em tablados erguidos nas praças publicas, totalmente fóra dos templos, embora fosse ainda o thema dramatico extrahido da Biblia ou da Vida dos Santos.

Foi só depois, no seculo XVI, que se operou a separação completa, constituindo-se definitivamente o Theatro — logar e assumpto — fóra da Religião.

Essa differenciação fatal e necessaria, que contribuiu e contribue para libertar o mundo da dupla tutella dos deuses pagãos e do deus christão, preparando o advento de um novo culto, produziu naturalmente, e hoje mais do que nunca, ao lado dos beneficios da emancipação intellectual e da cultura esthetica, os males da indisciplina moral, e tem contribuido em larga escala para a dissolução dos costumes antigos e modernos.

Não é sem razão que Ovidio, apesar de cantor de coisas libertinas, perguntava escandalizado: "Que se vê no theatro senão o crime ornado com as mais bellas côres?" Seculos depois, Bayle escrevia:—"As peças de theatro, longe de corrigirem as desordens são capazes de inspirar a todas ellas". E Alexandre Dumas Filho — juiz insuspeito como dramaturgo que era — dizia: — "Desde que penetraes no theatro, vêdes tudo em contradicção, em antagonismo com a moral mais elementar."

Fundamentalmente o theatro é isso mesmo: uma instituição tão "irracional quanto immoral", como lhe chamava Aug. Comte sancionando com a sua autoridade encyclopedica o juizo de grandes homens do passado, pagão, christão ou atheu.

Mas, emquanto se não realiza a reforma religiosa, emquanto está muito longe o advento dessa época, em que as festas sociolatricas supprirão as representações theatraes, convem dignificar o theatro, "honrando, como diz aquelle mesmo philosopho, o fim de uma instituição unicamente adaptada á anarchia moderna."

Para conseguir-se tal objectivo, dediquem-se os actores e actrizes á representação reiterada das obras primas do passado proximo ou remoto ao lado das creações contemporaneas, onde esse passado revival conservado e melhorado para a formação do futuro— sem comtudo abandonarem de todo as peças communs que, embora não edificantes, não sejam de todo perniciosas.

Ainda uma vez é preciso ser, segundo a formula do Pensador Universal, conciliante de facto, embora inflexivel em principio.

OSCAR D'ALVA

---

a filhinha acordada, levantou-se e, colhendo-a entre os braços, mirou-lhe o rosto rosado, onde parecia andar uma saudade infinita...

— Mãe, que é do maninho ?

— Está com Deus, filha ! — respondeu-lhe, apontando para as alturas silenciosas, onde a lua ardia debilmente, pondo na copa das arvores um frizo de prata.

A criancinha olhou pelo vidro da janella o longo pállio prateado que o luar punha no estendal das franças verdes, dentro da noite silenciosa, que criava um novo mundo na sua imaginação...

A mãe deixou-lhe na face rosada um grande beijo, triste como o silencio que andava lá fóra. A criancinha, então, com a luz ingenua dos seus grandes olhos verdes cheios de mysterios, ficou a olhar as estrellas que eram como lagrimas ardentes no ignoto da noite...

ACHILLES VIVACQUA

O JOGADOR DE POCKER — Vejamos o pulso: seis... sete... oito... nove... dez... valete... dama... rei... az...

O proprietario do circo — Você affirmou, antes, que era "traga-fogo", e agora diz que é "traga-espadas".
O artista — Sim, mas o meu medico recommendou-me que tome ferro...

Para quando estiver na hora...

De J. M. Brinckmann

*A tua vida é
é um segredo...*

E as musicas carnavalescas já estão sabidas de cór por toda a cidade. Os radios não param um minuto de tocál-as. Todos esperam com ansiedade a chegada de Momo officializado e reconhecido como necessidade indispensavel. Tire-se tudo do carioca, menos essa festa que é tão sua como é o Brasil. E, em qualquer logar que se esteja, ouvem-se os trechozinhos que cahiram de facto no gôto do povo. Desde a cozinheira até a filha da patrôa, e esta tambem, ás vezes; desde a casinha de zinco do morro até as *cottages* elegantes de Copacabana, em todo o canto em que haja um carioca, lá está tambem o seu inseparavel samba.

Dizem que não ha dinheiro. Mas o carnaval na *promptidão* tem até mais graça... Já se foi o tempo em que as fantasias custavam preços elevadissimos. Hoje, tudo não vae a mais de meia duzia de mil reis. Uma calça branca, sapatos de lona, camisa listada de malandro e um boné, — está-se fantasiado de *meu-homem*... P'ra quê mais?...

Não se usa tambem mais lança-perfume, nem serpentina, nem *confetti*... Que asneira andar-se com uma bisnaguinha ou um saquinho de papel na mão a varejar na pequena ou no rapaz que tenha o sorriso mais engraçado!...

Já sahiu de moda tudo isso...

Agora, quando se gosta duma garota, dá-se-lhe um beliscão no braço ou no cangote, ou um empurrão acompanhado dum abraço sem-querer... E a pequena ri, como si tudo isso fosse o mais sem importancia desse mundo.

Nos bailes ninguem quer dançar. Fazem-se filas enormes e tóca um a correr atrás do outro pelo salão em gritaria, numa algazarra infernal, acompanhado por uma orchestra mais infernal ainda.

Tudo está muito bom e está gostoso até...

Não ha moças nem tão pouco moços de juizo. Para que essa coisa tão importante neste fim de fevereiro?... Divirta-se menina, que a vida é uma asneira... E

Meu bem pr'a me livrar da matraca
da lingua de uma sogra infernal...

segue o blóco cada vez mais animado, em zig-zags, aos apertões, esfregando-se uns nos outros, loucos naquelle prazer louco. E' preciso não perder a animação. Nada mais horrivel para o carioca que essa falta de animação num meio qualquer. Onde não ha fuzarca não serve para elle. A unica coisa que o satisfaz é o barulho, são os gri-

tos, o silvo do saxophone. As musicas chocalhantes entram-lhe pelos ouvidos com a maior suavidade... Canta tudo que os compositores na azafama de ganhar dinheiro vão fazendo. Ha bôas e ha tambem composições imprestaveis. Algumas conseguem inspiração e produzem versos bonitos demais para o carnaval; outros excedem á espectativa com as suas asneiras musicadas.

A mulata, que era quasi sempre o motivo para as composições do Lamartine e do Noel, sahiu da circulação para dar logar á morena. Chegou a vez da moreninha cheirando a cravo e queimada nas praias. E' a morena fabricada pelo sol carioca. Morena de cabellos pretos e morena de cabellos louros. Parece paradoxo essa historia de loura-morena, mas verdadeiramente já existe esse typo exótico que o verão se incumbiu de trazer comsigo este anno. A pelle trigueirinha, côr de pucha-pucha, e o cabello com o ouro das accacias. Gozado!... Mas, no carnaval, tudo é assim mesmo...

Descem os morros, representados pelas cabrochas e pelos mulatos impertigados, que cantam de improviso acompanha dos pelo ruc-ruc compassado das cuicas e dos tamborins.

E lá vão elles, de bairro em bairro, suarentos, esbrazeados, bebericando aqui e ali, insensiveis aos nossos trinta-e-quatro gráos á sombra...

Bahianas, homens-mulher, mulheres-homem, marinheiros... O samba se fórma nas esquinas. Já não existem os phantasmas de lençol, nem os dominós irreconheciveis. Todos brincam sem mascara. Quasi não se quér saber dos celebres trotes. O que se quér é correr, pular, gritar. Não se tem mais vergonha de dizer bobagens engraçadas com a propria cára. As caretas de papelão fugiram das vitrinas, abdicaram.

Os bailes infestam os quatro-cantos da cidade. O Municipal é o centro onde se ajuntam os que têm muito dinheiro e usam *champagne*.

A praça Onze, o salão de asphalto dos que fazem uso do paraty e só têm para gastar o ordenado accumulado em dois mezes e a muito custo. Ali só se ouvem os chóros e as vozes afinadas das cabrochinhas que nesses tres dias não se importam de perder nada.

Todos querem divertir-se. Esquecer as mágoas que vêm se armazenando no intimo durante 365 dias. E estoura com o carnaval, que é a festa da liberdade completa.

Ah, carnaval, para o carioca, tu és mais que o "1500" de Cabral, mais que o "ouviram do Ypiranga", mais que o "verde-amarello da bandeira"...

OS MYSTERIOS DO TAMISA

(SHERLOCK HOLMES — POR CONAN DOYLE)

(Continuação do numero anterior)

— Parece-me que me explico claramente. Indiquei-lhe com a maior exactidão o homem que me fez acreditar na sua innocencia, mylord, e estou persuadido de que procederam propositalmente para atirarem as suspeitas sobre si. Infelizmente estava ausente de Londres, ha tres dias, quando li nos jornaes que o levariam aos tribunaes para responder pelo rapto e subsequente desapparecimento de miss Elisabeth Aberdeen. Todos os detalhes particulares de que falava a imprensa e que acompanhava esse caso, deram-me a idéa de me interessar por elle e occupar-me um pouco com tão extraordinario crime.

— Como! sem receber ordem de pessoa alguma?

— Este é um desses casos que me são predilectos e de que me occupo por diletantismo, retorquiu Sherlock. Vou contar-lhe o que fiz com respeito ao seu, até agora. Notei que, segundo os jornaes, a principal prova apresentada contra si era a descoberta dos objectos de vestuario da joven no fogão do seu quarto de dormir. Dirigi-me portanto, acto continuo afim de fazer o meu inquerito no local exacto, á casa onde reside em Hill-street — uma casa muito elegante, de resto, habitada unicamente por quatro familias. — No rez-do-chão miss Somerset, a actriz bem conhecida; no primeiro, o corrector Abel, um allemão emigrado; o segundo andar é occupado pelo major Humphry e sua familia, e o terceiro é o seu. Encontrei o porteiro no sub-solo, apresentei-me como policia e disse-lhe que estava encarregado pela justiça de inspeccionar o predio. Aquelle bom irlandez conduziu-me ao terceiro andar, abriu a porta, segundo o meu desejo, e deixou-me só no seu quarto durante uma hora inteira.

— Que descoberta se lhe offereceu ahi? perguntou o lord.

— Vou explicar-lhe immediatamente no proprio local, porque chegamos ao nosso destino; vamos primeiro do que tudo ao seu quarto.

E Sherlock abriu a portinhola do carro. O lord seguiu e subiu a escada, com enorme espanto do porteiro, um grande diabo de irlandez de cabello ruivo, que julgava o mancebo preso e não podia crer no que se passava.

— Durante a sua prisão, despediram todos os seus creados, mylord? perguntou o policia.

— Tinha apenas um — tornou lord Rochester sorrindo; nestes ultimos tempos a minha situação não era das mais brilhantes e até que entre na posse da minha herança, que só receberei daqui a um anno vejo-me obrigado a restringir-me um pouco.

— Virtude que raramente se encontra nos rapazes, tornou o policia um pouco ironico, e que não pratica desde muito, pois sendo assim não teria cahido nas garras de Phineas Aberdeen que, aqui para nós, não passa de um abominavel usurario.

— Sim, fui obrigado a recorrer ao senhor Aberdeen, por que respondi por alguns amigos.

Emquanto falava, os dois homens tinham entrado na casa e Sherlock dirigira-se para o quarto de dormir.

Tudo se achava exactamente como o lord deixara no momento de ser preso.

No meio do aposento havia uma grande cama de madeira esculpida e um fogão alto de marmore, tendo em cima um lindo relogio e uma porção de objectos

---

EVOHÉ'

Numa face da sala um grande espelho
Mais na penumbra repetir vem tudo:
A luva, as fitas de setim vermelho
A pequenina capa de velludo.

Um quadro torna moço um thema velho:
A festança das máscaras — O entrudo;
Tem nas vestes os guizos pelo artelho
Um rei das vinhas tropego e bojudo.

Longos, fulvos bigodes retorcidos,
De outras damas as lindas cabelleiras,
Lantejoulas nas barras dos vestidos.

Como Evohé ninguem tange o pandeiro...
Ninguem, como essa flor das vivandeiras:
A vida é o Carnaval do anno inteiro!

HENRIQUE REBELLO

de fantasia, que attrahia immediatamente a attenção das visitas.

— Diabo! não deviamos ter deixado afastar o irlandez, disse Sherlock, tenho algumas perguntas a fazer-lhe.

— Vou mandal-o subir immediatamente, replicou o lord; ha aqui uma campainha electrica que communica com o seu cubiculo.

William Rochester premiu um botão collocado na parede e, pouco depois entrava o porteiro.

O sr. Mac Duff exercia o officio de sapateiro; estava em trajo de trabalho; cobria-o um avental verde e tinha as mangas arregaçadas até os cotovellos.

— Mac Duff, disse-lhe lord William Rochester, este senhor deseja fazer-lhe algumas perguntas. Responda o mais exactamente possivel.

— Se não me engano, já vi este senhor. Não é da policia?

— Um pouco, respondeu Sherlock sorrindo; mas diga-me, sr. Mac Duff, qual foi o dia exacto em que o limpa-chaminés aqui trabalhou pela ultima vez?

— Parece-me já ter respondido a essa pergunta quando o senhor me mandou abrir este quarto. Foi a 7 de maio.

— A que horas começou o homem esse serviço?

— Seriam seis horas da tarde.

— Não lhe parece singular, senhor Mac Duff, um limpa-chaminés escolher essa hora para trabalhar? De costume, esses homens apresentam-se pela manhã e não se entregam ás suas occupações no momento em que se cozinha em todas as casas.

— Por isso fiquei muito descontente quando vi deante de mim esse grande diabo encarvoado, replicou Mac Duff, e mandei dizer ao patrão que lhe retirava a freguezia se voltasse a uma hora tão inconveniente.

— Ah! não era o patrão, mas um empregado?

— E' um novo que nunca tinha trabalhado na casa.

— Ah! um empregado novo? Está certo do que affirma? Supponho que teria certamente reconhecido o antigo?

— Seguramente, visto que o outro empregado ia sempre commigo ao subsolo onde bebiamos um copo de whisky quando elle acabava o trabalho. Alem disso, ao antigo, entregava-lhe simplesmente a chave dagua-furtada; sabia como se havia de dirigir ao telhado e reconhecia os orificios de cada chaminé em quanto que tive de conduzir o novo até lá em cima.

— Lembra-se talvez se esse limpa-chaminés tinha qualquer objecto na mão, nesse momento?

— Mas certamente, tudo que lhe era preciso para trabalhar, a escada, a vassoura e a pá... Bem sabe que se introduz a pá na chaminé para abrir o caminho.

— Alem desses instrumentos não tinha mais nada, nenhum embrulho?

Mac Duff abanou a cabeça negativamente, depois de um curto momento de hesitação.

— Escada, vassoura, pá, murmurou Sherlock Holmes, meditando e passando a mão pelo queixo; isso bastaria... A pá principalmente faz alimentar suspeitas... Sim, seria possivel!... Senhor Mac Duff, ficou junto do homem emquanto durou o seu trabalho?

— Oh! não. Não posso estar tanto tempo ausente. Para vigiar o predio, sou alojado gratuitamente no subsolo, e recebo de vez em quando algumas gorgetas dos locatarios; mas como isso me não baste, sou obrigado; a prover ás minhas necessidades com o meu officio de sapateiro.

— Evidentemente tornou Sherlock Holmes, hoje é muito difficil a vida, quando se não possue fortuna. Deixou portanto sózinho o limpa-chaminés e voltou ao subsolo?

— Foi o que fiz depois de lhe ter recommendado bem que me levasse a chave logo que terminasse o trabalho.

— Quer ter a bondade senhor Mac Duff, de me acompanhar ainda uma vez ao telhado?

— Ao telhado? Como estes senhores da policia são meticulosos! O que é que quer ver no telhado? Talvez

(Cont. na pag. seguinte)

VIA CRUCIS...

Donde venho? Não sei! De algum mysterio?...
Dum singular segredo invulneravel?
Dum cemiterio para um cemiterio,
Duma vida de mácula execravel?

Sei que desci um dia do hemispherio,
E que neste planeta miseravel
Luto sem treguas contra a inevitavel
Tragedia que me arrasta ao cremiterio!

Vejo apenas, esparsos nos caminhos,
Urzes, abrolhos, lagrimas e espinhos
Como um castigo em plena communhão!

E em toda a parte a hypocrisia louca,
Como o beijo de Judas que treslouca,
Multiplicando a minha solidão!

ALMEIDA CRUZ

julgue que a joven que raptaram se encontre lá? Nesse caso, dou-lhe a minha palavra que está enganado.

Sherlock Holmes riu, e voltou-se para o lord, dizendo:

— Fique aqui socegadamente á minha espera, e fume um charuto emquanto eu me demoro lá em cima.

O policia, acompanhado pelo porteiro, desappareceu; alguns minutos depois, Mac Duff voltou ao quarto do lord.

— Onde está aquelle a quem acompanhou? perguntou sir William.

— Quiz por força ficar só. Mandou-me embora dizendo-me para o esperar aqui.

— Milord, tornou Mac Duff, passado um momento, que homem tão singular! Quando nos fita com os seus olhos pardos e penetrantes, parece querer ir adivinhar ao nosso estomago quaes são os alimentos que acabamos de absorver. Esse senhor é seu amigo? Tem boas intenções a seu respeito?

— Creio que me quer muito bem, replicou rindo o lord.

— Diabo, o que é isto? exclamou Mac Duff assustado, olhando para o fogão com espanto. Ouviu, mylord? Dir-se-ia que ha ratos no fogão. Mylord, foi aqui que se acharam os objectos de vestuario da joven desapparecida. E' verdade que sou irlandez, e todos somos superticiosos. Mas, se a joven tivesse sido assassinada e se, talvez, o espirito da pobre victima...

— Deixe-me em paz com as suas historias, Mac Duff, interrompeu lord Rochester, pondo termo ás supposições do porteiro; não sei o que é feito de miss Elisabeth Aberdeen mas se está realmente morta, que o seu espirito se digne escolher outro fogão, para manifestar a sua presença neste mundo. Ah! eil-o, senhor Sherlock Holmes... Como, sem casaco? Esquecel-o-ia no telhado; lembro-me que o tinha quando...

— O meu sobretudo encontra-se no seu fogão, volveu o policia. Senhor Mac Duff, tenha a bondade de retirar o embrulho que fiz e que introduzi no canudo com força, auxiliado. Sujará um pouco as mãos, mas isso não deve embaraçar sobre modo um bom sapateiro.

Mac Duff meneiou a cabeça e ajoelhou; não parecia muito satisfeito com o serviço; temia o contacto da chaminé maldita.

Arregaçou a manga da camisa até ao hombro e metteu o braço pelo canudo do fogão.

— E então? não tem senão que puxar, disse Sherlock, não tocou em nada!

— Sim! sim! balbuciou o porteiro, um embrulho... Valha-me S. Patricio, foi assim que a policia tirou, no outro dia, o que continha o vestido e a roupa de miss Aberdeen.

— Assim, mylord, disse sorrindo Sherlock Holmes, a analogia salta até aos olhos de um sapateiro de alma simples, e é, por emquanto, a unica prova que possuo da sua innocencia. Como vê, continuou o policia numa voz mais alta, não foi o lord que occultou o vestuario de miss Aberdeen neste logar, mas um outro que, com intenção criminosa, o impelliu com força para junto do seu fogão.

— Mas quem poderia commetter semelhante acto? exclamou lord William vermelho de colera.

— Quem? Mas, o limpa chaminés, é claro!

— Todavia, justo ceu! não conheço esse homem... Nunca lhe fiz mal; que razão tem elle para me querer perder?

— Uma razão muito logica. Esse limpa chaminés usou de um disfarce; é cumplice daquelle que fez desapparecer miss Elisabeth Aberdeen. A minha tarefa agora consiste em procural-o e, como o prazo de setenta e duas horas que me foi concedido é curto

para encontrar um limpa-chaminés, e principalmente um falso limpa-chaminés, nesta grande Londres, ou em toda a Inglaterra e talvez mesmo na Europa sinto vivamente não poder aproveitar por mais tempo a sua agradavel companhia. Digo-lhe, portanto, até á vista. Mylord.

CAPITULO III

A ORELHA ENSANGUENTADA

— E' sempre delicado, dizia nessa mesma noite Sherlock Holmes ao seu ajudante, e ao mesmo tempo seu discipulo: é sempre delicado tratar de um caso que se não investigou de principio. Cada dia, cahe nova camada de gelo sobre a pista, os vestigios apagam-se, e é preciso depois fazer serviço de varredor para os encontrar.

— Dá-me o meu cachimbo, Harry, tornou Sherlock Holmes, depois de um curto momento de silencio, sabes que as idéas acodem-me melhor quando vejo o fumo sahir em espiraes azues do meu cachimbo. Prompto, está acceso. E agora, meu rapaz, o que pensas tu deste caso?

— Senhor Sherlock Holmes, replicou Harry, parece-me ter encontrado uma pista.

— Ah! parece-te? Pois bem, vou dizer-te claramente o que pensas. Estás convencido de que Arabella Aberdeen é a autora do crime. Crês que a mulher do usurario fez desapparecer a enteada.

— Como é que o senhor Sherlock Holmes póde adivinhar os segredos mais intimos de um homem, perguntou Harry estupefacto?

— E' porque os não guardas tão secretos como julgas, meu rapaz. Sempre te disse e repito-te ainda: a tua bocca é discreta, os teus olhos porem falam demasiado. E' preciso vigial-os. Agora, irei mais longe e desenvolverei os teus pensamentos. Tens a convicção que Arabella Aberdeen está apaixonada pelo bello lord Rochester e que temos neste caso a mais banal e a mais perigosa paixão humana, o ciume.

— Justamente, é o que penso.

— Por emquanto, vaes muito depressa, tornou Sherlock apertando o cachimbo entre os dentes. Ligas demasiada importancia a um só olhar. Tambem eu notei a maneira como a senhora Aberdeen fitou o lord quando deixou o banco das testemunhas e passou junto delle. Confesso que um olhar repleto de odio e de ciume; essa mulher comtudo está innocente. Tu, meu rapaz, sentado ao meu lado, notaste esse olhar: observei perfeitamente que te acudiu aos labios um sorriso triumphante, como se pensasses: Tudo vae bem, agora, estamos numa boa pista.

— E' porque não havia de ter tomado parte no caso, a senhora Aberdeen? perguntou Harry.

— Teriamos de ir muito longe se eu quizesse explicar-te que, a respeito de tudo, a senhora Aberdeen não pode ter commettido o crime. De resto, meu rapaz, não temos tempo para tagarellarmos: vou encarregar-me de uma commissão.

— Uma commissão?

— E não é das mais agradaveis. E' preciso que corras esta noite todos os negociantes da City que vendem fatos velhos, armas, moveis, e tudo mais; procurarás informar-te se algum delles vendeu no dia 7 de maio ou nos precedentes o fato de um limpa-chaminés. A's onze horas deves ter terminado as tuas pesquizas e esperar-me-ás á esquina de Shadwell-Station, onde está situada a taberna de Beefsteak-John. Vae e sê exacto. Até á meia noite.

Depois de Harry deixar o policia, este ainda se conservou um quarto de hora no seu fauteuil de couro. Fumando o cachimbo, cada vez se envolvia mais em nuvens de fumo, de sorte que as suas feições

(Cont. no pag. seguinte)

magras e caracteristicas lembravam, devido a uma curiosa analogia, a mascara de Julio Cesar, morto. Subitamente Sherlock ergueu-se, abriu uns armarios occultos na parede do seu quarto e inspeccionou o conteudo muito completo, que lhe permittia toda especie de disfarces.

Escolheu um fato de marujo, umas calças azues e uma camisa de algodão ordinaria, de côr amarellada, entreaberta no peito. Vestiu uma blusa impregnada de alcatrão e collocou sobre o cabello curto um bonnet de marujo com fitas caidas, tendo escriptas estas palavras M. M. S. "Canadá". Occultou o rosto com uma grande barba.

Em frente do espelho, poz um pouco de carmim nas faces, accentuou as sobrancelhas com carvão, e desenhou em azul sobre o peito uma ancora e as palavras H. M. S. "Canadá", de modo a simular admiravelmente uma tatuagem.

Depois de ter completado a caracterização, pegou differentes objectos que sempre o acompanhavam em semelhantes circumstancias; um revólver de seis tiros, um chronometro, uma carteira e um lapis; em seguida sahiu.

Quem quer que encontrasse o marinheiro de pernas arqueadas, bamboleando-se, com as mãos nas algibeiras, e olhando attentamente para tudo quanto podia excitar em Londres a curiosidade de um homem do mar, nunca teria reconhecido nelle o policia.

Chegando a uma rua pouco frequentada, Sherlock Holmes subiu com grande agilidade para a imperial de um pesado omnibus que o passeou pelas grandes ruas de Londres durante uma hora. Afinal pareceu ter chegado ao seu destino; apeou-se e embrenhou-se por uma estreita travessa cujos predios tinham a apparencia velha e suja.

Atravessou-a e chegou a Shod-well-Station que parecia a essa hora ainda mais triste e solitaria que de costume. Ao longe ouvia um ruido de vozes assim como o de copos, pratos e facas, proveniente de uma casa de Sutton-Street.

Por cima da porta illuminada por uma lanterna verde, havia uma taboleta dourada com esta palavras: "Ao Beefstek John". Sherlock Holmes entrou na sala do rez do chão, cuja claridade estava velada por um fumo opaco. Foi seguindo por entre as mesas onde se acotovelavam homens e mulheres, até que encontrou um logar que lhe conveiu.

Num rapido olhar examinou aquelles que o rodeavam. Era a freguezia usual de "Beefsteak".

Cavalheiros de industria, como ha sempre alguns nesse genero de restaurantes, caixeiros mal remunerados, amadores de refeições baratas, desclassificados de toda a especie, estudantes, artistas, obrigados a contar com os seus fracos ordenados. Havia tambem naquelle estabelecimento criminosos perigosos vestidos com elegancia, acompanhados pelas suas collaboradoras, marinheiros, verdadeiros brutos já meio embriagados, e alguns desses vadios tão temiveis das margens do Tamisa.

Defronte de Sherlock Holmes estava um rapaz de cerca de trinta e cinco annos. Era bonito; a sua physionomia pallida e cançada tinha a marca de uma existencia febril. Esse personagem vestido com um certo, cuidado, usava o cabello cortado á escovinha, talvez para seguir um capricho da moda, de sorte que tinha a cabeça polida como a de um chinez.

Ao lado delle estava sentada uma mulher cuja apparencia era a de uma mulher publica. Comtudo conservava ainda alguns vestigios de belleza, a despeito da existencia que levava: o rosto, aureolado com uma cabelleira de um louro ardente, tinha uma expressão muito fina. Vestia por elegancia uma blusa de seda, preza por um cinto estreito, uma sáia azul escuro e botas amarellas. Usava grandes argolas de ouro nas orelhas, á moda oriental, que attrahiam a attenção.

Apenas se sentou Sherlock Holmes percebeu que se dava uma valente disputa em voz baixa entre esse par. Emquanto parecia cortar e mastigar um beefsteak de uma dureza incrivel, inclinou a cabeça para a frente para escutar a conversa.

— Digo-te que m'os dês, dizia o rapaz á sua companheira; fiz-te presente delles e agora não queres ajudar-me a sahir de embaraços?

— Não se tira aquillo que se deu, tornou Betsy; pensa bem, Bob, se me levas estes brincos para o Monte-Pio, está tudo acabado entre nós.

— Oh! oh! tornou o rapaz, não pareces querer-me muito, bem agora; diz-m'o francamente e deixa-te voltar para White-chapel, onde te encontrei.

RI, PALHAÇO !...

Ri, Palhaço! Ri!

Ri, para o mundo de palhaços cheio
No riso de tua mascara fingida!

Ri!

Transborda neste riso o teu anseio
E' no teu riso que soluça a vida!
Sacode os guizos desta roupa infausta,
Ao publico que ri...
Ri, fantasia!
Nasceste para rir... tua alma exhausta,
Ha de chorar na arena da alegria...

Ri, Palhaço! Ri!

Com a multidão que fazes rir... Não chores!
Procura rir tambem da turba ingrata,
Tão falsa como tu... Não te deplores,
Pois essa turba o teu viver retrata!
Defórma a tua mascara de côres,
E vasa o teu soffrer num immenso riso...
Deixa pulsar teu coração, de dores,
Teu coração, palhaço! E' um grande guizo!

Ri, Palhaço! Ri!

Na graça de tuas ultimas caretas,
Ri, volteando em lindas piruetas,
No jogo dos trapezios do destino...

— Pois bem, visto que desejas sabel-o, é verdade, já não te amo.

— Naturalmente, gritou Bob rangendo os dentes, quando não ha dinheiro, o amor vôa, é uma velha historia. Seja, mas reapodero-me do que te dei, mulher maldita, e até te deixo uma lembrança!

Ao mesmo tempo, o homem de cabeça rapada agarrou o brinco que tinha mais proximo e com um puxão secco, brutal, arrancou-o do lobulo da orelha. O sangue correu em abundancia do ferimento e Betsy soltou um grito estridente.

Bob estava de pé e queria lançar-se sobre a mulher. No mesmo instante o marinheiro sentado defronte delles, poz-se ao lado do miseravel e, agarrando-o pelo braço disse-lhe numa voz severa:

— Basta! E's um covarde!

Dos labios de Bob sahiu um grito de raiva; tirou o casaco, arregaçou as mangas e vociferou:

— Tens vontade de entrar em casa com os queixos quebrados?... Maldito marinheiro, quem te manda intrometter-te no que não te diz respeito. Tens vontade de "boxar"?

— "Very well", replicou Sherlock Holmes, pondo-se em guarda: um bom marinheiro não recúa ante alguns murros a dar, principalmente quando tem por alvo o estomago de um miseravel que bate nas mulheres.

Produziu-se grande tumulto na sala do "Beefsteak-John". Todos se levantaram e formaram um grupo em volta dos combatentes, que se observavam mutuamente.

— Arranja-o Bob! gritavam alguns homens que pareciam ser seus amigos.

As mulheres, pelo contrario, respondiam a essas manifestações de sympathia para com um brut… gritando-lhe: "Chega-lhe bem, marinheiro, e mostr… lhe que se não deve bater numa mulher sem ter … castigo."

Louco de furor, Bob atirou-se ao policia, que apar… com calma e sangue frio os ataques do furioso; Sher-lock Holmes aproveitou um momento favoravel, fi… giu visar o estomago do seu aggressor, que cah… na cilada querendo proteger o corpo: o policia de… lhe então um murro formidavel em pleno rosto.

Foi uma pancada terrivel e Bob cahiu no ch… prostrado com um olho cheio de sangue.

Sherlock Holmes conhecia bem o seu publico; sab… que os amigos de Bob o atacariam e, apoderando-se … acto continuo da cadeira onde a mulher estivera sen… tada alguns minutos antes, brandiu-a acima da c… beça, gritando numa voz de estertor:

— O primeiro que desejar que lhe faça o mesm… só tem que se aproximar. Com mil milhões de raio… se ha um bastante miseravel para defender um h… mem que bate numa mulher, racho-lhe a cabeça … meio como se fôra uma casca de ovo.

Todos sabem que só se pode impor ao povo c… palavras energicas. Intimidados com a attitude … marinheiro, os amigos de Bob trataram de o ergu… e transportaram-n'o para fóra do estabeleciment…

Mas a deusa vingadora, Nemesis, depressa appar… ceu sob as feições do dono do "Beefsteak-John", u… homemzinho gordo, que intimou, sem cerimonias, o marinheiro do "Canadá" a desembaraçar o estabe-lecimento da sua presença sob pena de ser expul… por uma meia duzia de rapazes.

— Bem! Eu retiro-me, murmurou Sherlock, fi… gindo-se offendido, mas voltarei amanhã com me… duzia de camaradas e destruiremos tudo o que aq… não estiver muito solido. Aqui tem com que pag… o bocado de sola que me fez engulir. Que o dia… o leve!

CAPITULO IV

A RAMEIRA DE WHITECHAPELL

Assobiando um estribilho em moda com as mã… nas algibeiras, Sherlock dirigiu-se ara a port… Quando atravessou o corredor enlaçado por do… braços macios e carinhosos, e uma voz de mulh… disse-lhe:

— Obrigado, bello marinheiro, fizeste bem as c… sas; queres que te acompanhe?

Sherlock reconheceu logo Betsy, a rameira d… brincos de ouro. Segurava ainda o lenço de encont… á orelha ferida e sangrenta e o seu olhor brilhan… fito no policia dava-lhe a entender que a sua acç… cavalheirosa tinha produzido a melhor impressã…

(Cont. na pag. seguint…

Como a cigarra, o canto teu é eterno...
Ri, meu palhaço!...
Ri, palhaço terno!...
Só mesmo a morte ha de calar teu hymno!
Ri, Palhaço! Ri!
Abafa em teu gritar todo o receio...
Gargalha, si puderes... rasga o seio,
A musica cruel que sempre ouvi...

Cigarra de illusões, teu sonho é lindo!
E' o de cantar... sorrir... morrer... sorrindo...
Canta, cigarra!...
Ri, palhaço! Ri!...

.. ..

Ri, turba inculta!...
Olhando este palhaço!
Ri, do seu riso e esquece o olhar que baço,
Reflecte toda a dôr deste gorgeio...

Ri, meu palhaço!...
Ri! Chorar não podes:
Nasceste para os guizos que sacodes!
Ri, para o mundo de palhaços cheio!!...

Ri, Palhaço! Ri!...

GUILHERME DE AQUIBY

Como Sherlock era de parecer que não se devia desprezar nenhum indicio, nenhum esclarecimento, por muito insignificante que fosse, respondeu-lhe:

— Pódes acompanhar-me durante parte do caminho, se quizeres, minha bella!

— Só parte do caminho? Mas tu não sabes, marinheiro, que me chamam a loura Betsy, uma das mais bellas raparigas de Whitechapell?

— Nesse caso admiro-te que te entregasses a um rapaz tão semsaborão. Não poderias ter escolhido outro mais digno de ti, do que esse Bob que, durante quinze dias pelo menos, não poderá fazer conquistas, devido ao estado em que lhe deixei a cara!

— Oh! Bob era um lindo rapaz quando o conheci, replicou Betsy, ferida no seu orgulho; não tenho, de resto, relações nenhuma com homens feios, a não ser que tenham muito dinheiro. Alem disso, gozava de alguns rendimentos regulares e prometteu-me casamento.

— O que fazia elle então? Devia ser trabalho asseiado!

— Peço perdão, era empregado na casa do advogado Tonhill.

A rapariga alludira a um advogado muito conceituado e que Sherlock conhecia muito bem.

— Ah! estava em casa de Tonhill! tornou o policia; pois olha, os empregados do advogado não ganham muito, e se Bob dispunha de grandes quantias, é porque provavelmente ia á gaveta do patrão.

— Oh! não fez lá um excellente negocio.

— Ora essa, um bom negocio? E em que consistiu? Como arranjou elle os cobres?

— Oh! oh! marinheiro, exclamou Betsy desconfiada, falas cadão como um frequentador de Whitechapel.

— Mas quem te diz que não nasci ahi mesmo? tornou rindo Sherlock. Ha nesse bairro muita gente que andou pelo mar. Realmente tinha curiosidade em saber como o Bob arranjou dinheiro. Talvez eu pudesse fazer outro tanto.

— Com franqueza não sei onde elle o foi buscar, mas de um dia para o outro vi-o com cem libras...

— Diabo! isso é que é arame; haviam de ter passado dias felizes!

— Se passamos! replicou a bonita rapariga; comemos e bebemos como lords; dansamos todas as noites e tudo caminharia bem se Bob não se tivesse desfigurado de um modo tão grotesco.

— Ah! referes-te ao seu cabello. E' feio, na verdade uma cabeça rapada. Bob usava dantes o cabello comprido?

— Certamente! Tinha até cabello preto bonito e abundante; mas, de subito, appareceu-me daquella maneira.

— E' provavel que isso se desse no mesmo dia em que o viste com tanto dinheiro, disse Sherlock; queria sem duvida passar por um perfeito elegante de West-End. De sorte que não sabes o que fez elle para ganhar as cem libras?

— Se o soubesse, marinheiro, dizia-te, porque te bateste bem por minha causa. Nos momentos mais ternos, interroguei-o a esse respeito, mas, todas as vezes, zangava-se, tornava-se grosseiro e dizia-me: "Contenta-te em teres tudo o que desejas! O resto não te diz respeito!" Depois beijava-me e eu não insistia.

Neste momento, ouviu-se um assobio á esquina.

Tenho ainda que te falar; asseguro-te, minha pequena, que poderás ganhar hoje tantas libras como poderias juntar em setenta noites.

— Oh! oh! marinheiro, falas como se fosses um millionario!

— Talvez seja alguma coisa parecida, tornou Sherlock. Em todo o caso virei aqui ter comtigo daqui a um momento. Espera-me cinco minutos. Convem-te, Betsy All right! E' o signal de Harry Taxon.

Estas palavras foram pronunciadas por Sherlock em voz baixa, emquanto se encaminhava para a esquina da rua. Achava-se ahi, junto de um chafariz, um homem coberto de andrajos, que se poderia em rigor tomar por um desses vendedores de jornaes que invadem, aos milhares noite e dia, as ruas de Londres.

— Olá, Harry! O que temos de novo? visitaste os belchiores?

— Sim mestre, retorquiu Harry em voz baixa; Samuel Pings, de Circus-road, vendeu um trajo de limpa-chaminés no dia 7 de maio; fato completo, vassoura e escada, pá e bonet.

— Quem comprou? perguntou Sherlock em cujos olhos brilhou um clarão semelhante ao que atravessa o olhar do caçador á espreita da caça. Samuel Pings sabe o nome do freguez?

— Os belchiores nunca perguntam o nome, bem sabe, replicou Harry Taxon. Em compensação póde dar-me os signaes detalhados do figurão: estatura regular, rosto pallido, imberbe, cabello negro abundante, frisado como o de um negro.

— Isso não é verdade! exclamou Sherlock. O homem não tinha cabello nenhum, tinha-o o rapado completamente quando sahiu de Circus-road.

— Por Jupiter! Senhor Sherlock Holmes, vê através das paredes, exclamou Harry Taxon pulando de admiração. Samuel Pings contou-me de fato, que depois de ter feito as compras, o rapaz foi a um barbeiro que se encontra á esquina de Circus-road e rapou o cabello.

Sherlock esfregou as mãos de contentamento e exclamou:

(Continúa no proximo numero)

PREÇO DAS ASSIGNATURAS:

EM TODO O BRASIL:

(Porte simples)

Anno.... (52 ns.)...... 48$000
Semestre (26 »)...... 25$000

(Registada)

Anno.... (52 ns.)...... 70$000
Semestre (26 »)...... 36$000

PARA O ESTRANGEIRO:

(Porte simples)

Anno.... (52 ns.)...... 78$000
Semestre (26 »)...... 40$000

(Registada)

Anno.... (52 ns.)...... 115$000
Semestre (26 »)...... 60$000

As assignaturas terminam e começam em qualquer mez.

FON FON

Revista Semanal Illustrada

EMPRESA FON-FON e SELECTA S/A.

Director: SERGIO SILVA

REDACTOR-CHEFE: — THESOUREIRO:
Gustavo Barroso — Cyro Machado

Direcção, Redacção e Officinas:

62, Rua Republica do Perú, 62
(Antiga Assembléa)

Telephones: Administração: 2 - 4136
Director: 2 - 0377 Caixa Postal: 97

Endereço telegr.: FON - FON

Rio de Janeiro

Toda a correspondencia deve ser dirigida á

EMPRESA

FON - FON e SELECTA S/A.

Representante na Europa:
E. Bourdet & Cia. 9, Rua Tronchet, Paris — 19, 21, 23, Ludgate Hill, Londres.

Venda avulsa .... 1$000
Numero atrazado ..... 1$500